MEMORIAS

OFFERECIDAS

Á NAÇÃO BRASILEIRA.

MEMORIAS

OFFERECIDAS

A' NAÇÃO BRASILEIRA.

PELO CONSELHEIRO

FRANCISCO GOMES DA SILVA.

LONDRES:

IMPRESSO POR L. THOMPSON, 19, GREAT ST. HELENS.

1831.

A' NAÇÃO BRASILEIRA.

Brasileiros: — Offereço-vos estas memorias, em que, sem outro artificio mais que o necessario para expor os factos de que fui testemunha e parte, defendo o meu proceder das injustas arguições que me hão sido feitas vaga sim, mas tão repetidamente que ja me parece necesssario romper o silencio.

A nação toda sabe que hei sido alvo de mil venenosos tiros; que escritores publicos, de cujo merito não fallarei, porque este escrito não é destinado para fazer o processo dos meus inimigos, tem procurado tornar meu nome odioso, representando-me como um dos principáes maquinadores contra as liberdades naci-

onáes. Todos os dias, ou ao menos todas as semanas, directa ou indirectamente, se faz menção de mim: ja figurado como o primeiro assassino do Brasil, ja como poderoso instrumento dos inimigos delle. Homens tão insolentes como falsarios, tão sem pudor como pusilanimes, aproveitando-se da minha ausencia deram largas á raiva da mordacidade que os devora, e soltaram contra mim quantos affrontosos dicterios, quantas injurias, quantas calumnias puderam proferir e inventar, tendo para si que davam em um cadaver abandonado. Quasi todos estes detractores, ou todos, sem exceptuar um só, me accusaram de assalariar defensores de minhas *opiniões anti-liberáes*, e de meus *procedimentos criminosos:* e alguns desgraçados, a quem não coubera em sorte o dom de ser do modo depensar de meus inimigos, foram desapiedadamente tachados de venáes, servos do poder, mercenarios corrompidos, e por isso estupidos, perversos &a. &a. E com tudo, nem um só desses insultados escritores, ou bons ou maos, ou sabios ou ignorantes,

comprados ou vendidos, em fim nem um só de todos elles, que eu saiba, ainda se deu ao trabalho de me defender das iniquas aggressões de homens, que até agora não puderam apresentar nem um documento justificativo contra mim.

Assim se mostram falsas as imputações que se fazem a esses escritores que advogam os principios do governo imperial representativo, e que apontam os inconvenientes e desgraças que resultariam da sua destruição. Mas não creio que baste para justificar-me das violentas arguições, que se me fazem, o conhecer-se que os que arguem são malvados, embusteiros, calumniadores, homens que não tem respeito á innocencia, á virtude, á verdade de factos diametralmente oppostos aos que elles fingem. O publico lê uma e muitas vezes essas falsas imputações, por ventura sem dar-lhes assenso; mas ellas repetem-se sem cessar: mil echos respondem a uma voz de accusação, que repercutida, se vai estendendo e dilatando por toda a superficie do imperio, sem que haja

quem a contradiga. Nestas circunstancias, parece que a não contradicção é um tacito consentimento, este uma confissão dos crimes, e esta um triunfo para os accusadores, que, ja crendo-se senhores do campo, tratam de levantar nelle os tropheos da sua supposta victoria: mas não será assim.

Em taes termos, não se pode negar que é um dever sair ao encontro dos meus inimigos, vingando os ultrajes que sem razão e sem causa não cessam de fazer-me: não trocarei injurias por injurias, vituperios por vituperios: nem sei jogar táes armas, nem o uso dellas pode dar completa victoria, a menos que não seja no juizo dos politicos de praça publica, e dos moralistas de sobremeza.

A minha defensa a verdade dos factos a fará incontestavelmente. A verdade, a austera verdade presidirá á narrativa que vos offereço. Não entrarei em questões, disputando com adversarios, que jamais fizeram uso de argumentos, e raciocinios para condemnar ou louvar as acções dos outros homens. A logica

da maior parte dos escritores publicos, orgãos dos inimigos do governo do Brasil, ensina-lhes somente a discorrer assim—" Quem não pensa como eu penso, ou quer o que eu não quero, é o mais abominavel dos criminosos: ora eu creio, ou finjo que acredito, *fulano* differente de mim em opiniões e vontades; logo fulano deve ser exposto ao mundo cuberto de vis opprobrios, vilipendios, e improperios: todas as acções da sua vida, ainda as mais innocentes, serão delictos: os actos particulares, que nada tem com a causa publica, serão representados como crimes de estado, ou de lesa-nação—não haverá para elle nem asilo domestico, nem uma sombra de liberdade, ou tolerancia: uma palavra, um aceno, um simples volver dos olhos de similhante homem será representado como conspiração, tentativa posta por obra contra a nação, e contra a liberdade."—Acaso tem sido diverso o systema seguido constantemente pelos inquietadores do Brasil?

Não é possivel portanto seguir os argumentos dos escritores meus inimigos. Estes creem

que para ser bom patriota basta fallar muitas vezes em patria, em direitos violados, em fazenda roubada, em tyrannias, em despotismos, recolonisações, e conspirações. Quem assim procede, insultando primeiro o supremo chefe do estado, depois todas as pessoas que lhe devem fidelidade, respeito, e amor, julga ter alcançado titulo legitimo a uma coroa civica, ou a uma estatua em o novo Capitolio.

Em tal caso eu escreverei só os factos com escrupulosa exactidão. Ajuize delles quem quizer: não o contradirei, qualquer que seja a sua opinião; mas defenderei a exactidão litteral delles, sempre que eu for accusado de faltar á verdade. Seguro no apoio de uma consciencia pura, e tranquilla, não me será necessario fazer circuitos para narrar alguns acontecimentos: a todos arrostarei frente a frente; porque jamais entrei em transação alguma nem movido por interesse particular, nem guiado pelo dezejo de agradar a um ou a poucos á custa de muitos ou de todos.

Bem sei que esses mesmos homens que

zombando da verdade, da justiça, e da propria convicção, me accusam de inimigo do Brasil, e de conspirador contra elle, me levarão a mal o fallar de mim: nem deixarão de attribuir a estolida philaucia o partido que tomo de appellar para o juizo imparcial da nação, a que hoje por adopção pertenço. Dirão que arrogando-me a importancia que não tenho, intendo poder chamar a attenção do publico sobre uma pessoa de quem o mesmo publico não faz cabedal—Dirão que não havendo jamais servido logares do estado, querer dar contas do meu procedimento á nação, é recorrer a tribunal incompetente; pois que á nação nada importam os serviços de um criado, e quando muito, de um secretario do gabinete do Imperador. Dirão até os meus calumniadores que me fizeram grande obsequio em deprimir-me, unico meio de tornar-me conhecido; pois sem isso ficaria eu sepultado no poeira da indifferença, e do esquecimento. E mais dirão ainda; porem eu não dirijo as minhas acções pelo parecer destes homens, que a si proprios

se erigiram em censores e juizes do proceder de seus similhantes.

Como se compadecem os gabos de liberalismo, de igualdade republicana, e de odio a distincções e a privilegios, que enchem as eloquentes columnas de nossos instrüidos jornalistas, com a odiosa prerogativa que pretendem exercer de infalibilidade em seus juizos, e com a authoridade a que aspiram de impor silencio a todas as bocas, donde podem sair palavras que lhes desagradem?

Como simples cidadão, não só tenho direito de olhar por minha reputação ultrajada, mas de rebater severamente os ataques de meus adversarios; e quando elles são calumniadores publicos, tãobem me assiste o jus de entrega-los á publica execração:—mais ainda: na sobredita qualidade, eu posso chamar a attenção da nação inteira sobre mim, sem merecer a censura de homem nenhum honrado— Quando eu fosse o mais obscuro dos viventes, não teria menos direito ao meu bom nome do que o primeiro dos principes da terra. A for-

tuna dá alto nascimento, e muitas vezes ella só altos empregos, e condições elevadas; mas unicamente a virtude e a honra dão a estima publica, o amor e a consideração dos nossos similhantes. E quando por qualquer motivo que seja, um ou muitos detractores procuram escurecer o conceito do homem, que nunca faltou aos seus deveres na situação em que a Providencia o collocou, é barbaridade, é negra infamia, negar a este homem o direito de desaggravar-se: é perfidia detestavel o procurar lançar um véo nos olhos do publico para que não veja, e tapar lhe os ouvidos para que não ouça as provas e as rasões dadas por aquelle que a vil calumnia procurou denegrir perante os seus compatriotas.

Ja se vê que me não passa pela idea cubrirme ou argumentar com a situação politica em que me acho, a fim de conciliar a benevolencia do publico: muito pelo contrario.—*Um homem*, um cidadão, calumniado perante a nação inteira com perseverança inflexivel durante longo decurso de tempo, expõe á mesma nação

singela e verdadeiramente qual ha sido o seu proceder; e quer que os homens honrados julguem entre o accusado e seus accusadores. Este mesmo homem desafia os ditos seus accusadores a que lhe provem que falta a verdade naquillo que allega; e mais os desafia a que apresentem documentos que confirmem a verdade das accusações, que ha tanto tempo não cessam de fazer-lhe.

Parece a todos os homens de bem que o meu maior delicto ha sido o ter tido a fortuna de gosar da benevolencia de S. M. I. Tem-se negado o meu merecimento a esta benevolencia; nem eu procurarei provar, nem acaso poderia, que os meus inimigos errem no conceito que de mim formam em quanto a esta qualidade de merito, a que geralmente se allude em casos iguáes ao de que agora trato.— Nem talentos, nem vasta erudicção, nem prendas agradaveis, dotes de entendimento eu possuo, que me tornem digno do favor de um monarcha. Tudo isso confesso—mas defenderei sempre que jamais hei por um instante

faltado á fé, ao respeito, á consideração, á reverente e grata amisade, que devo a S. M. I. como Monarcha, como meu Amo, e sobre tudo como meu bemfeitor.

E' comtudo muito de notar até aonde chega a jurisdicção de nossos publicos censores. Quem os fez a elles tribunal apto para decidir entre os meus meritos, ou demeritos, e as recompensas ou os favores que, como a seu criado, S. M. I. quizesse fazer-me, sem exceder as suas attribuições politicas ? Ainda se eu, esquecido de mim mesmo, e deslumbrado com a luz que via de perto, procurasse fazer sentir aos meus similhantes odiosas distincções, que o desairado jamais perdoa ; se eu, abusando da consideração em que me suppunha, della jamais me tivesse valido, ou para fazer mal, ou para deixar de fazer bem ; se, affectando o valimento de um favorito, abrisse as portas de minha casa a dadivas, e presentes, a peitas, e compras de odiosa adherencia ; se me vissem apparecer em publico seguido de meus clientes, fazendo alarde de

um poder odioso; se constasse que jamais eu tivesse empregado essa supposta cabida no animo do Soberano para desapossar e destituir o homem de merito de seus honorarios e logares, a fim de ellevar a elles creaturas minhas, dignas ou indignas; se eu pudesse ser accusado de jamais haver dado desaforaveis informações sobre o porte de pessoas, que requeriam logares ou officios do estado; se finalmente alguem pudesse fazer justas queixas do meu desfavoravel influxo em seus destinos, eu daria de barato que a minha condição se tornasse odiosa ao publico; que houvesse quem com justa rasão me accusasse de causador das suas desgraças; e até não duvidaria de achar alguma rasão naquelles, que para apressar a minha queda excedessem um tanto os limites da verdade, representando-me peor do que eu era.

Porem jamais, nem por um só momento, me lembrei de poder ser *valido* de S. M. I. em cujo serviço desempenhei, tão submisso no ultimo como no primeiro dia, as ordens de meu Augusto Amo: nem Brasileiro algum

sensato se capacitou nunca de que o Imperador do Brasil fosse da tempera daquelles monarchas orientáes, e de alguns da Europa, que veem pelos olhos de seus favoritos, discorrem, julgam, e decidem segundo o parecer, ou antes, os interesses delles. Alem disto, um Soberano constitucional pode ter um e muitos amigos; e S. M. I. os tem; mas não um valído. Amigos sim, e servidores gratos e fieis: —valídos são outra cousa mui differente.— são o testemunho ignominioso de um despotismo ignaro e descuidado: são o substituto feroz e insolente de um tyranno cançado ou preguiçoso; a vergonha do monarcha, a quem parecem servir, e a desgraça da nação que os tolera.

Beneficios, mercês, honras, e distincções recebi de S. M. I. ellas são por mim consideradas como preciossimo penhor da munificencia de meu Augusto Amo, e sinal de que hão merecido o seu agrado os serviços que disveladamente lhe tenho feito.

Estes serviços não os considera offensas á patria senão a mordacidade de homens malva-

dos, que odeam o Imperador muito mais do que a mim. Julguem delles as pessoas de probidade, e imparciáes: a estas peço que decidam sobre o meu porte desde que chamado por S. M. a seu serviço, me viram exercer as funcções de creado do mesmo Augusto Senhor: titulo de que a minha gratidão mais se ha por satisfeita do que dos mais brilhantes e honorificos.

Protesto, repito, não faltar ao rigor da verdade: pode ser que me engane a memoria a respeito de datas; mas a *memoria do coração* é mais duradoira e mais fiel que a outra: nunca se perde a lembrança dos motivos que nos induziram a praticar uma acção: estes motivos são sempre presentes quando se faz commemoração della. Não conto factos obscuros nem antigos, e esquecidos: somos todos coevos com elles; e se alguem tiver dúvidas, ou objecções que propor-me, desde ja prometto satisfazer a ellas com toda a franqueza, e sinceridade que me preso de possuir em meu caracter.

MEMORIAS

OFFERECIDAS

A' NAÇÃO BRASILEIRA.

I.

Desde a partida do Senhor Rei D. João VI. em 1821 do Rio de Janeiro para Portugal, até á declaração da independencia do Brasil.

Comecei em 1810 a servir no Paço; e nesta condição me achava em Abril de 1821, quando S. M. o senhor Rei D. João VI. se retirou a Portugal em consequencia dos politicos successos de um e outro reino.

A minha idade, e as circunstancias em que estava me fizeram ser estranho aos acontecimentos do Rio de Janeiro: elles são notorios a todos os Brasileiros, que desde logo viram

quanto ao Imperador, então Principe Real, devia a ordem publica, por elle mantida no meio da mais ardente effervescencia de animos. S. M. I. á primeira irrupção, que no Rio de Janeiro causaram os acontecimentos da Bahia, Pernambuco, e Maranhão, appareceu á frente do povo e das tropas, moderando, como se fôra um politico de longa experiencia, o furor de uma plebe, que pela primeira vez rompia os laços da obediencia e submissão: qualquer que seja o juizo que se faça dos motivos que a impelliram.

O certo é que o Brasil e a Europa toda se encheram de admiração, por verem o principe herdeiro de um grande imperio absoluto ser espontaneo proclamador da liberdade dos povos; e mostrar com a franqueza de um coração republicano o seu odio á tyrannia e á oppressão. Outro principe por aquelle tempo se vio na carreira da Liberdade, o filho do rei de Sardenha. Pode conhecer-se, hoje que ambos imperam, a differença que ha entre um e outro.

Eu fiquei no Brasil em consequencia de ordem de S. M. I. a cuja escolha deixou seu augusto Páe os creados que destinasse para seu serviço; mas pouco depois, querendo o mesmo senhor reduzir a sua casa a menores despesas,

não fui considerado effectivo, e só sim honorario, e sem ordenado.

Alguns mezes como tal me conservei, sem prestar serviço algum, até que S. M. determinou visitar S. Paulo, em agosto de 1822.

Em todo o Brasil crescia de hora para hora o sentimento da independencia: este sentimento, apparecendo a principio em symptomas, cujo caracter se não podia á primeira vista conhecer distinctamente, causava tumultos e sublevações em differentes provincias do reino, que davam grande cuidado ao chefe do governo brasileiro, e ao mesmo governo; e é força confessar que em parte alguma do imperio estes movimentos pareciam de tamanha importancia como em S. Paulo.

Aqui parece-me dever dizer, pelo que sei, pelo que ouvi a S. M. I. em occasiões em que o seu coração se abria no centro da sua familia, pelo conhecimento que tenho de seu grande caracter, e sentimentos, que o mesmo Senhor nunca nem levissimamente deu cabida á idea de vir, por sua espontanea deliberação, á desobedecer a seu Augusto Páe. Tem havido quem, seguindo os dictames de uma desaffeição particular, accuse S. M. I. de se *haver levantado com o Brasil*, faltando aos deveres de Filho, e de delegado do Poder Real. E'

falso tudo quanto se ha escrito: S. M. I. nem faltou como filho, nem como delegado de Seu Augusto Páe: S. M. I. viu a nação Brasileira, que amava como se no seu seio tivesse nascido, em perigo de desapparecer, victima de discordias intestinas; viu que a opposição, qualquer que ella fosse, que se fizesse á tendencia universal dos povos, poderia retardar durante mezes o termo da independencia; mas evita-lo não.—Para conseguir este inutil retardo era preciso fazer correr sangue e muito sangue: deveria S. M. escolher tal meio, pelo qual só conseguiria tornar-se odioso, e sepultar o Brasil em um abismo de desgraças? Muito tempo esteve S. M. I. em duvida sobre essa mesma tendencia geral das opiniões; e em quanto por experiencia, por seus proprios olhos, não viu ser impossivel manter a união nacional entre os reinos do Brasil e Portugal, obedeceu lealmente a seu augusto Páe e Soberano. Para apressar a decisão que o Imperador tomou de annuir aos votos da nação brasilica, algumas outras rasões concorreram, que mencionarei dentro em pouco.

No que acabo de dizer certo estou que não contribuo para esfriar o affecto e a confiança, que o povo do Brasil com rasão deve ter em S. M. I. A obediencia do mesmo Senhor

ás ordens de seu augusto Páe não significava desejo de opprimir o Brasil; antes pelo contrario, em quanto foi Regente, nem um dia se passou em que não desse clarissimas provas do quanto detestava essa oppressão. As suas ideas de união do Brasil a Portugal estavam tão distantes do que se chama *colonisação* quanto podiam ser as do Brasileiro mais patriota. Quem promoveu as nomeações de juntas para aquellas provincias, que as não tinham? Quem mandou sair os governadores militares, que os povos reputavam inimigos da liberdade? Quem fez as mais vivas representações sobre quáesquer medidas que o governo de Portugal tomasse em despreso dessas franquezas e liberdades, que S. M. I. queria ver estabelecer e vigorar no Brasil? Esses actos podem hoje estar esquecidos: pode até um grande partido de ingratos querer sepulta-los no silencio; Pode haver quem pretenda arredar do Imperador aquelle sentimento de gratidão nacional, que o Brasil ainda não deixou de patentear-lhe; pode finalmente apparecer quem se valha da obediencia que o Snr. D. Pedro devia, como Filho e subdito, a el Rei seu Pai, para o representar menos favoravel á causa da independencia do que as suas obras, e a sua fama apregoam: que absurdo,

que falsidade deixou ainda no mundo de ter defensores e panegiristas?—Mas a severa Historia fará justiça ao Principe, que soube conciliar todo o respeito e obediencia filial, e de funccionario publico, com o desempenho dos seus deveres para com uma nação inteira, que ja não podia por mais tempo supportar um governo delegado; e por conseguinte fazer parte de outra nação. S. M. I. obrou como juiz prudente, que emancipa o filho-familias, chegado á idade de ser *sui juris*, conhecendo, depois de reflectido exame, que devendo, e querendo elle ser independente, o vedar-lhe a faculdade que a lei e a natureza lhe concedem, seria obriga-lo a commetter excessos desastrosos. Alem do que fica dito, não deve esquecer que S. M. I. não deixou de dar conta dos successos e de suas consequencias a El Rei o Senhor D. João VI até ser acclamado Imperador.

A transição que me julguei authorisado á fazer parecerá por ventura a proposito neste logar, em que menciono a viagem de S. M. a S. Paulo. Esta viagem o Imperador a emprendeu com o fim de ver por seus proprios proprios olhos o estado em que se achava a cidade, e a provincia. Uma e outra eram representadas como costuma dizer-se, sobre um

volcão. Affirmava-se que as tropas, e parte do povo estavam dispostos a negar obediencia ao governo que S. M. exercia então, uma vez que se não declarasse desde logo a independencia. No Rio de Janeiro corriam noticias de grande importancia, vindas desta e de outras provincias; porem mui contradictorias: em fim S. M. tomou a sua resolução de partir, fazendo uma viagem ligeira, e para assim dizer puramente militar.—

Ainda que me achava desocupado, e sem serviço effectivo no Paço, intendi que seria indecente deixar de offerecer-me a meu amo em occasião que parecia importante; e em que o mesmo senhor, segundo julguei, viria sem duvida a carecer de quem velasse por seus commodos, e executasse as suas ordens. Offereci-me pois, não para tornar a entrar no antigo serviço effectivo, e receber ordenados: então bem longe estava eu de por ordenados fazer o mais leve sacrificio—Offereci-me para acompanhar S. M. I. na qualidade de creado honorario, nada querendo por meu serviço, que só devia durar em quanto durasse a jornada. S. M. acceitou o meu fiel, e sincero offerecimento, por ventura por mero effeito da sua natural benignidade; e por intender que de o não acceitar me resultaria desgosto: se este

foi o motivo, interpretou S. M. bem os sentimentos do meu coração.

Partimos, como fica dito, em Agosto de 1822. —A falta de gente, a inexperiencia da pouca que havia, a minha natural robustez, e talvez alguma actividade, fizeram com que os meus serviços fossem por fortuna minha, agradaveis a S. M. que me não ordenou cousa que se não cumprisse, nem desejou cousa que se lhe não apromptasse: tudo isto o creio mais effeito de boa sorte do que de merito que eu pudesse attribuir-me: mas fosse o que fosse, o certo é que succedeu assim. S. M. teve todos os meios para dirigir a sua correspondencia: quiz marchar rapidamente e pôde fazelo, apparecendo lhe cavallos, e criados, que a acompanhassem; sua Magestade quiz informar-se em certa distancia da cidade de S. Paulo do que lá se passava, e houve quem fosse observar a todo o risco o estado da dita cidade: isto tudo o fiz com zelo incançavel, com ardente desejo de agradar a um Principe, em cujo palacio eu per assim dizer me criára; e a quem estava acostumado desde a infancia a respeitar como Filho d'El Rei, e a amar como bemfeitor.

S. M. teve em S. Paulo um recebimento brilhante. O enthusiasmo dos habitantes foi extraordinario: não podia esperar-se tanto:

eu consegui informa-lo a tempo de tudo quanto occorria, e pintar a S. M. o verdadeiro estado do espirito publico. Em verdade, a provincia o idolatrava, porque nelle via um Principe activo, endurecido nos trabalhos, incansavel, generoso, amante da liberdade brasileira, e quasi filho do Brasil—Obedecia-lhe porque todos os actos de seu governo eram marcados com o sello da liberdade, do respeito a pessoas e propriedades, e distinctos pela mais insigne tolerancia de opiniões politicas—A população de S. Paulo, sem querer deprimir nenhuma outra do imperio do Brasil, é vivacissima, penetrante e enthusiasta: não podia deixar de olhar o Senhor D. Pedro como a mais firme anchora de segurança para a náu do estado; porem em meio de seus affectos de amor, e admiração pelo Regente, transluzia com toda a clareza o sentimento da independencia.

S. M. conheceu que tal era a geral disposição dos animos: e durante esta viagem teve occasião de desenganar-se, até pelo que tocava a outras provincias, de que estava chegado o tempo ou de perder-se de todo o Brasil, ou de S. M. o salvar da ruina, constituindo-se socio em seus destinos, que ja não podiam ser os da nação portugueza. Por este tempo, e no meio

de tão angustiosas circunstancias recebeu S. M. em S. Paulo despachos do governo de Portugal, e noticias do que se passava nas côrtes de Lisboa.

Eu ja disse que então era inteiramente estranho a outros negocios, que não fossem os concernentes ao ramo de serviço, que meu augusto Amo se dignára confiar-me; porem fui testemunha do sentimento de desgosto que se apoderou de S. M. e das pessoas que o acompanhavam ao ver o modo injusto, offensivo, e improprio com que era tratada a pessoa do Regente. As côrtes não tinham exactas ideas da situação moral do Brasil; e o governo parecia sugeito ao poderoso influxo das ditas côrtes. Estas davam o expectaculo de contendas renhidissimas entre Brasileiros e Europeus; e ainda que a victoria de táes batalhas sempre os deputados Portuguezes a ganharam em Lisboa, a nação a perdeu completamente no Brasil. Ja não era possivel conservar unidas nações que, como táes, a natureza desuníra, principalmente achando-se os seus representantes, que se julgaram o mais seguro nexo da união, em verdadeira guerra aberta.

S. M. havia-se queixado das côrtes; e as côrtes e o governo se queixavam de S. M. como causador da opinião de independencia, que

predominava no Brasil. O Imperador foi então no congresso maltratado em demasia; foi chamado, á Europa sim, mas para viajar longe de Portugal: em fim tudo concorreu para o alienar dos Portuguezes.

A publicidade destas noticias, e das providencias adoptadas em Lisboa para manter o Brasil na sugeição a Portugal conspiráram com os acontecimentos do mesmo Brasil para dar nascimento a uma crise singular. S. M. perdêra a confiança da assemblea de Lisboa; e a causa era o ser julgado demasiado favoravel aos Brasileiros; S. M. tinha a confiança dos Brasileiros; porem se sofresse as offensas, que lhe haviam sido feitas, sem demonstração, perderia essa confiança; e os Brasileiros, que suppunham ser o plano dos Portuguezes reduzi-los a colonia, teriam por inimigo da sua liberdade, e como tal detestariam o governo do herdeiro da corôa portugueza, ou qualquer outro que para substituir este lhe fosse mandado de Portugal. Pronunciada como estava a opinião geral, os dois povos deviam separar-se: era este o unico meio de poderem continuar amigos. Deste modo, qualquer que fosse o procedimento de S. M. a nação portugueza não podia por mais tempo ser metropole do Brasil; e á escolha do senhor D. Pedro só fi-

cava ou salvar o mesmo Brasil da anarchia que o ameaçava, e das armas que Portugal quizesse mandar contra elle, ou sair dentre os braços de uma nação, que o amava, que nelle via o seu salvador, a sua esperança, para ir viajar, e talvez por muito tempo, pelas côrtes da Europa, fechadas para elle as portas de Portugal.

Eis aqui tudo quanto eu posso dizer, recorrendo á minha memoria, e a alguns papeis que dessa data ainda conservo. S. M. meditou nas circunstancias em que elle e o Brasil se achavam; e ouvindo os pareceres de muitas pessoas, que escutava, sem que nenhuma dellas suspeitasse ainda para que era consultada, decidiu-se a declarar de uma vez a independencia do Brasil. Por ventura a ninguem primeiro que a mim fallou S. M. claramente deste negocio, dizendo com franqueza qual a decisão que havia tomado. Eu não tinha então, e protesto que nem hoje tenho, e provalmente nunca terei, a estolida vaidade de crer importante o meu voto em materia alguma—S. M. tão pouco me honrou, declarando-me a sua tenção para consultar-me; e por isso eu, recebendo a nova como uma ordem de meu Amo, não hesitei um momento em dizer-lhe—*promptissimo, senhor;*—e tratei de que a determinação se effeituasse

logo sem o menor rodeio, hesitação ou disfarce. Isto é um facto publico: ainda existem quasi todas as pessoas que testemunharam o meu procedimento: nem eu, ainda não existindo uma só, teria a audacia de arrogar-me uma acção que não tivesse praticado. E para que mais se veja que procedo sem querer ornar-me com louvores não merecidos, direi que do mesmo modo obedeceria cegamente a outra qualquer ordem de meu Amo, fosse de que natureza fosse: essa julguei eu sempre a minha primeira obrigação. E se puz todo o empenho em tornar mais prompta, e mais effectiva esta, na parte que julguei pertencer-me, e entre o pequeno numero de pessoas em quem eu podia influir, foi porque, penetrando, segundo cri, até o intimo do coração de S. M. vi que elle abraçára a sua nobre e heroica resolução com maior vivacidade, e determinação, do que nenhuma outra que eu lhe tivesse visto adoptar até aquelle momento.

Proclamou-se pois aindependencia Brasileira por S. M. o Imperador na cidade de St. Paulo a 7 de Setembro de 1822. Este facto memoravel será sempre glorioso para aquella cidade, e formará a mais notavel das epochas do Brasil. Escusarei de tomar grande canceira em pretender demonstrar que o regosijo inexplicavel

do publico, do Imperador, e de seus criados e familia, não foi sentido em ocio e descanço: muito pelo contrario, o trabalho que occorreu foi como se pode crer excessivo, sendo tantas e tão diversas as providencias que cumpria dar em a crise extraordinaria dos negocios publicos.

Em quanto a mim, creio haver desempenhado com zelo e acerto quantas ordens S. M. I. me deu então; e ainda mais direi, sem receio de ser contradicto com justiça por quem quer que seja, creio taobem que alguns serviços prestei á independencia do Imperio, cuja idea eu abraçára cheio de enthusiasmo, talvez primeiro que ninguem ostensivamente.

Em quanto as grandes occurrencias do Brasil, isto é as que marcavam a mudança do seu destino, ou eram consequencia della, se seguiam, ou simultaneamente, ou umas após outras: muitas medidas secundarias, posto que não sem grande importancia, eram bastantes vezes improvisadas. Uma destas foi a criação, ou antes a lembrança da imperial guarda de honra. S. M. I. tinha tido a idea della; e até ja se havia alistado alguma gente muito antes da ida para S. Paulo; porem como se não dera particular attenção a este objecto, ficou sempre em principio, sem progresso, até

que o mesmo Senhor fez reviver a idea por occasião da declaração da independencia.

Eu assentei logo praça de soldado: o meu exemplo foi seguido; e para o ser ainda mais, puz em actividade todos os meios de excitamento que pude com a rapidez, e efficacia que me é natural, e que eu mesmo ás vezes condemno.

Porem no caso presente obrei como devia, como as urgencias do tempo aconselhavam, e como pedia o amor dos Brasileiros a S. M. I. O sentimento da independencia dava á nação o maior brio militar: não faltaram pois soldados para a guarda de honra de S. M.: ella se foi organisando, e accrescentando, até que recebeu forma regular, e legal existencia em Abril de 1823.

O pensamento da creação de uma guarda de honra para S. M. ainda em quanto Principe, data das primeiras demonstrações da opinião a favor da independencia nacional: esta circunstancia denota que tal pensamento não era nem derivado de principios de tyrannia, e de oppressão, nem tão pouco de tendencia para o systema colonial: pelo contrario, considerando-se que naquelle tempo muitos interesses particulares, ou ao menos a supposição delles, se oppunha á separação do Brasil de

Portugal, não houve Brasileiro algum bem intencionado que não tivesse como providencia necessaria o guardar vigilantemente a pessoa do augusto campeão da independencia, contra o qual, se podia recear que os inimigos della disparassem seus tiros.

A guarda de honra veio pois, como fica dito, a tornar-se um corpo regular em Abril de 1823; e havendo eu sido, como na verdade fui, um dos primeiros soldados della, não é estranho que hoje, por munificencia de S. M. seja o seu chefe. Ninguem se escandalisou nunca da minha promoção neste corpo até o posto em que me acho: nem esta rapida carreira offende ou prejudica os militares do exercito. Por Decreto de 24 de Abril de 1823 fui promovido a Tenente—por outro de 4 de Setembro do mesmo anno a Ajudante; por outra de 7 de Setembro de 1824 a Capitão; e em 10 de outubro de 1827 a Coronel commandante.

Publicada solemnemente a independencia Brasileira em S. Paulo no dia 7 de Setembro de 1822 por S. M. em pessoa, não gostou o mesmo Senhor um momento de descanso, depois das fadigas a que se havia entregue com o unico fim de preservar a nação do flagelo que a ameaçava, e conduzir os seus destinos

ao mais alto ponto de prosperidade, não comprada á custa de sacrificios de sangue. Temia-se que a aclamação se não fizesse no Rio de Janeiro em tão boa ordem, e com tão geral aprazimento como em S. Paulo. S. M. julgou que a sua presença na capital concorreria para evitar qualquer desagradavel acontecimento, ou quando menos, para oppor efficaz e prompta resistencia a toda a tentativa que se fizesse com o fim de obstar á dita acclamação. S. M. queria evitar o começo das hostilidades, pois estava mui certo que se estas rompêssem, viria a ser difficil restituir a ordem, sem que primeiro succedessem grandes desgraças. Firme neste proposito, assim que se acabou a acclamação em S. Paulo, deu S. M. ordens para a sua partida em o dia seguinte para o Rio de Janeiro: o que se effeituou ponctualmente—A pesar do cançaço, e da escacez de transportes, fui assás feliz para poder conseguir que o mesmo Senhor se não visse obrigado a parar por falta delles. A jornada foi feita em cinco dias, isto é, a vinte legoas por dia: o que, attentas as difficuldades dos caminhos, e muitas outras de que só tem conhecimento quem ha viajado no Brasil, se pode ter como um esforço singular, uma segunda corrida de Carlôs XII. Ninguem pôde acompanhar o Imperador; eu que o se-

gui de mais perto que nenhum outro de seus criados, cheguei ao Rio de Janeiro oito horas depois de S. M.

Restituido S. M. á capital, aonde a sua presença era tão necessaria quanto se póde suppor nas extraordinarias, e momentosas circunstancias da quelle tempo, deixei eu de o servir, de apparecer no Paço, ou em outra qualquer residencia do mesmo Senhor, na qualidade de seu criado, e menos na de pertendente. Nunca abandonei, é verdade, o serviço militar, em que, segundo levo dito, me havia alistado: esta especie de serviço ja se intende que me offerecia algumas occasiões de ser visto por S. M.; porem os negocios publicos, que na quelle tempo occorriam, eram de tal natureza, que seria quasi impossivel que o mesmo Senhor pudesse distrahir delles a sua attenção.

Logo depois da sua chegada ao Rio, S. M. pôde ver quão feliz fora a decisão que tomára de declarar a independencia do Brasil.—O contentamento e rogosijo nacional excedeu tudo quanto se havia podido esperar: a este regosijo puro e universal seguiram-se repetidas demonstrações de gratidão dadas pelos povos, e enviadas á côrte pelas corporações municipáes de todas as terras do imperio. A camara do Rio de Janeiro não cedeu a nenhu-

ma das outras na demonstração dos mesmos sentimentos. S. M. ja havia sido declarado pelo espontaneo e ardente voto dos povos defensor perpetuo ; e em Outubro do mesmo anno de 1822 foi acclamado Imperador do Brasil.

II.

Desde a acclamação de S. M. I. como Imperador do Brasil em Outubro de 1822 *até á dissolução da Constituinte em Novembro de* 1822.

Ja se disse, em quanto á imperial guarda de honra, que só foi definitivamente organisada como um corpo de tropas nacionáes em virtude do decreto de 4 de Abril de 1823; porem taobem fica intendido que os seus serviços não descontinuaram desde que principiou o alistamento, e muito menos desde a declaração da independencia do Brasil. Em quanto eu não cessava de cumprir com a actividade possivel os deveres que me pertenciam na qualidade de militar, teve S. M. occasião de favorecerme, admittindo-me em o numero de seus cria-

dos effectivos, em consequencia da falta de um ou dois que haviam mudado de destino. Fui pois em Março de 1823 chamado a servir o Imperador como seu criado particular, o que reputei effeito da satisfação, que ao mesmo Senhor causavam, ja os meus serviços e zelo pela sua augusta Pessoa, ja o meu comportamento como homem. Todos sabem que sem esta segunda qualidade favoravel é de todo impossivel merecer a benevolencia do Senhor D. Pedro.

Na qualidade de criado particular do Imperador eu só tinha deveres particulares e domesticos a que satifazer; porem na situação em que me achava eram estes compativeis com os militares, que á guarda pertenciam: e assim nunca cessei de cumprir uns e outros. E pela exactidão comque sempre desejei preencher ambos, recebi constantemente de meu augusto amo testemunhos de agrado; e como militar, fui promovido a Ajudante por decreto de 4 de Setembro de 1823.

Circumscripto a estas duas especies de serviço, e naturalmente dado todo a elle com o zelo e fervor com que ordinariamente, e de minha natural condição, me entrego ao desempenho das obrigações postas a meu cargo, posso dizer, sem faltar á verdade, que quasi

passaram desapercebidamente por mim os successos que occorreram durante todo o anno de 1823 até á dissolução da Assemblea constituinte. Apenas prestei attenção aos successos da Bahia, que o governo de Portugal pertendeu conservar em sugeição, ainda depois de todo o Brasil se haver subtrahido á obediencia da metropole. As suas tropas e as suas esquadras não davam grande abalo ao governo imperial, que jamais acreditou que os Portuguezes combatessem contra as tropas do Senhor D. Pedro, isto é contra o Filho e herdeiro do Rei de Portugal. Esta circunstancia era importantissima: sabia-se que não havia general portuguez que quizesse commandar as tropas contra o Imperador; e apesar disto, o governo de Portugal, em quanto nelle durou a constituição de 1822, não desistiu do projecto de conquista, parecendo que preferiria sepultar Portugal no Brasil a ceder do projecto de combater por impossiveis.

Não pareça que fóra de proposito acarreto aqui um episodio a respeito da occupação da Bahia pelas tropas portuguezas, talvez para fazer vão alarde de militar intelligencia, ou de intendimento politico, o que não é difficil depois de occorridos os factos sobre que se firmam os raciocios: não.

O que me parece é que a dita occupação serviu para dar maior calor aos partidos Brasileiro e Portuguez daquella epocha: esses partidos, ainda quando nunca tivessem existido, deviam necessariamente apparecer então; porque então era inevitavel o conflicto dos interesses; porem o certo é que desde muitos annos existiam mais ou menos pronunciados. Em Pernambuco, Maranhão, Pará, em uma palavra, em todas as terras consideraveis do Brasil havia o partido europeu cedido ao seu adversario com mais ou menos resistencia; mas a fallar a verdade menos sangue correu do que podia esperar-se, chegada a importante crise politica da independencia.

Ainda assim houve disturbios e combates parciáes, houve perseguições para satisfação de vinganças pessoáes: porem, apesar destas violencias, não houve a exclusão e anathema contra Portuguezes, de que nos offereceram exemplo todos os estados da America hespanholla que saccudiram o jugo colonial. Pessoas perseguidas conheci, familias maltratadas podem nomear-se algumas; a expressão banal de fóra Europeus ouviu-se repetidamente; muitos foram obrigados a esconder-se, alguns a fugir: mas os clamores que estes levantaram contra os seus perseguidores podem tachar-se de excessivos.

Então não tanto, porem depois foi facil de conhecer que havia em todos esses queixumes e alaridos algumas exaggeração. Faça-se, o que é possivel, um calculo aproximado dos Europeus estabelecidos nas differentes terras do Brasil, e possuindo riquezas (circunstancia essencial quando se trata de perseguições populares): veja-se, pouco mais ou menos, o que tão pouco é difficil de orçar, o numero dos Portuguezes que foram expulsos, ou medrosos se retiraram do Brasil, e dos que desgraçadamente perecceram nas refregas que houve por o tempo de que fallamos: e então se conhecerá que a injusta e excitada perseguição foi menor do que se contou. Porem, se considerar-mos quantos homens, depois de haverem (a maior parte em virtude de terror panico) desertado do Brasil, tem regressado a elle, mais claro se tornará que era impossivel effeituar-se a independencia, e separação do Brasil com menos offensas entre Brasileiros e Portuguezes.

O que fica dito deve intender-se como referido ao que se denomina opinião geral da nação; e não pode ser victoriosamente combatido pelas demonstrações parciáes, que na verdade houve em algumas terras. Ainda estas demonstrações tiveram diversas causas; e não é justo que sirvam de argumento, tomadas

collectivamente, para provar que os Brasileiros em geral queriam exterminar os Portuguezes.

Por exemplo: em Pernambuco as causas da indisposição eram antigas, e na Bahia ás antigas se accrescentaram outras, que tiveram origem no tempo da occupação violenta pelas forças do general Madeira. Preso-me de ser justo: eu sou Europeu de nascimento; mas por isso não deixarei de dar nesta parte a opinião que tenho por verdadeira.

Os Brasileiros em geral se reputavam tratados com despreso pelos Portuguezes, o que acontece em todos os paizes que hão sido colonias; porem a estada de S. M. o senhor Rei D. João VI no Brasil, e a sua benevolencia para com os Brasileiros, havia consideravelmente diminuido esse sentimento das offensas, que nunca os colonos perdoam aos metropolitanos. A indisposição, que se notou contra os Portuguezes, não provinha tanto de desejo de vingar antigos ultrajes, como do receio em que os Brasileiros estavam de que os Europeos, que ficaram entre elles, urdissem tramas para os privar do bem da independencia, em resultado da qual esperavam que a sua patria seria ditosa, e figuraria de persi no meio das grandes nações: a estas esperanças quantas ambições se prendiam?

E' verdade que em algumas terras havia partido declarado: Em Pernambuco tinham Portuguezes e Brasileiros em 1817 apparecido em campo, alternadamente sido vencedores e vencidos; e alternadamente se haviam mostrado vingativos, porem destes partidos ha sempre em consequencia de grandes acontecimentos da natureza da revolução do citado anno de 1827. Os seus effeitos são desgraçados: só muito tempo os pode fazer esquecer. E' comtudo certo que em táes circunstancias os odios são, pela maior parte, pessoáes; e na mesma provincia de Pernambuco ficaram Europeus, que sempre foram bem quistos dos Brasileiros.

Pareceu-me justo demorar-me no assumpto das antipathias nacionáes a fim de desfazer a prevenção em que muita gente está de que os dois povos, Brasileiro e Portuguez, se acham desunidos por odios irreconciliaveis: não; e até ha provincias Brasileiras aonde os Portuguezes são particularmente estimados. Isto é pura verdade; posto que não tem faltado, nem falte ainda ao tempo em que escrevo estas memorias, quem pertenda excitar os animos dos Brasileiros contra os mesmos Europeus, que abraçaram a sua causa, que são seus irmãos, e compatriotas, e que não podendo ja formar

partido com os Portuguezes, hoje estrangeiros no Brasil, claro está que não tem outra pátria; e que necessariamente hãode sentir interesse por aquella que adoptaram. Mas o que é relativo ao tempo actual será tratado em seu logar; e agora torno á epocha de 1823, em que me achava.

A guarnição de Bahia e o seu governador negaram-se a reconhecer a independencia do Brasil, e o Imperador como monarcha Brasileiro. Esta deliberação de uma porção de tropas Portuguezas não podia reputar-se criminosa: as tropas realmente eram estrangeiras á terra; e estavam nella de serviço temporario. Não formando, como não formavam, parte da nação Brasileira, e obedecendo na qualidade de Portuguezas ao governo de Portugal, obravam em conformidade com as regras de rigorosa disciplina, e da honra: S. M. conhecia isto; mas tal deliberação o obrigava inevitavelmente a usar de meios hostis: toda a nação se declarára a favor da independencia, menos uma cidade occupada por grandes forças militares. Podia affoitamente crer-se que os habitantes não haviam seguido o exemplo de toda a nação, porque lhes não era dado faze-lo. O governo tinha por um de seus primeiros deveres libertar esses habitantes, procurando que saissem

do seu territorio as tropas que se haviam declarado inimigas; não porque não reconheciam a independencia; mas porque permaneciam no paiz depois de haverem manifestado que se negavam a fazer causa commum com a nação brasileira. O Imperador comtudo, procurou evitar toda a occasião de encontro; posto que, como fica dito, tivesse quasi a certeza de que os Portuguezes não voltariam as armas contra o herdeiro da Monarchia.

Apesar pois de seus desejos de evitar todo o derramamento de sangue, viu-se em circumstancias de dever mandar algumas forças contra a Bahia: como commandante dellas partiu o general Labatut, de quem então e depois se disse muito mal. Pequenos combates, sorpresas, escaramuças em que se conhecia que de ambas as partes havia pouco desejo de brigar, podem fazer os annáes do assedio daquella cidade: façanha que alguns Portuguezes quizeram igualar ao cerco de Diu, e alguns Brasileiros ás acções de Camarão e Vieira na expulsão dos Hollandezes!!! E na verdade nunca houve campanha menos desastrosa!

Em quanto estes e outros objectos occupavam todos os momentos do Imperador, se convocou Assemblea constituinte, cuja sessão foi dissolvida quasi que á força de armas.

Como ja deixei dito, a occupação da Bahía pelos Portuguezes, que della sairam, se me não engano, em Maio de 1823, obrigados pela falta de vitualhas, originou, ou por ventura serviu de pretexto á exaltação, que se pertendeu dar aos Brasileiros contra os Europeos: e essa mesma exaltação, excitada em diversas capitáes das provincias, que foram theatro de scenas de discordia, e de vingança, se apoderou de grande numero de membros das constituinte com esta differença porem—que no povo ella era mero effeito de causas mais ou menos proximas, ou antes, das manobras de facciosos; e na assemblea era causa, cujo effeito devia ser a destruição da monarchia quasi no mesmo dia em que fôra proclamada; e após esta destruição devia vir a da ordem, do direito de propriedade, da segurança do cidadão, e da fortuna publica, a fim de que pudessem contentar-se algumas ambições desenfreadas.

A assemblea pareceu a principio querer seguir uma justa moderação, a fim de não deixar sair do Brasil os homens de capitáes; porque retirados estes ao giro de commercio, viriam a causar nelle uma diminuição e perda de séria consequencia. Como Sua Magestade se persuadisse que o sentimento de conciliação era o

dominante nos Brasileiros; que os disturbios das provincias provinham de aggressões de Portuguezes; e que o seu ministerio, unido com os membros de maior credito na assemblea, procurava a paz do Imperio com todo o disvelo; e que os Europeus a perturbavam por todos os modos, fazendo até uma extensa conspiração para destrui-la: algumas vezes se queixou contra os suppostos aggressores; mostrando sempre quanto o enfadavam homens turbulentos e obstinados, que não queriam cessar de mover por seu injusto procedimento os animos de uma nação inteira contra si.

Mas dentro em breve se descubriu na assemblea uma facção desesperada, que a todo tranze queria a expulsão dos Europeus, só porque (entendiam os caudilhos do partido) em quanto estes permanecessem no Brasil nelles teria o Imperador um apoio: não que S. M. I. houvesse jamais dado provas de os preferir aos Brasileiros; mas sim porque suppunham que em quanto aquelles existissem sempre defenderiam o Imperador: quando não fosse por affeição, que lhe tivessem, ao menos seria porque nelle considerassem a sua unica salvação.

Pelo mez de julho de 1823 declarou-se o espirito predominante de expulsão de Europeus na constituinte: vozes de guerra, de ex-

terminio eram as que soavam: de mistura com os gritos de destruição se ouviam de quando em quando outros que revelavam o verdadeiro objecto que os facciosos se propunham. Ninguem, menos os que estavam aggregados ao partido destruidor, deixava de declarar que alem da perversidade que havia em soltar clamores de sangue, e de assassinios, se conhecia a erradissima politica, ou antes, desgraçada impolitica, de affugentar do Brasil, ou de enterrar nelle grande parte da sua mais util população, e mais industriosa. O Imperador para bem e conservação do povo se expusera aos caprichos de uma fortuna varia, abraçando a causa do Brasil, uma causa contra aqual combatiam poderosissimos interesses, com risco de perder uma corôa que herdára de seus reaes antepassados: e quando parecia haver conseguido o fim que se propusera, de tornar o Brasil independente e feliz, vinham os Brasileiros, isto é uma facção de Brasileiros, destruir a obra do seu augusto defensor, acabando com parte mui consideravel da população—dessa pouca população, a unica, geralmente fallando, que possuia os fundos e capitáes que estavam em giro;—e expondo a que ficava, enfraquecida e indefensa, a ser presa do primeiro chefe, de negros, ou de mulatos que

soubesse chamar a si um partido forte, para o que não é preciso ter muito talento.

O Imperador veio a conhecer, primeiro, a sem rasão com que na assemblea se declamava, e parecia querer-se começar a independencia Brasileira pela destruição do Brasil; depois o fim verdadeiro das tramas que se urdiam, e dos planos adoptados por certos homens de notorios principios destruidores. Estes homens clara e occultamente excitavam a indignação dos Brasileiros contra os Portuguezes, cujos bens sem rebuço algum se dizia que haviam sido roubados ao Brasil, e como táes pertenciam aos seus naturáes. Quando os incentivos do patriotismo são a faculdade de roubar, apparecem os patriotas de S. Domingos. Desgraçada a nação em que a rapina, e o assassinio são reputados virtudes civicas! . . . .

Os emissarios do partido corriam as provincias do norte e do interior; e os jornáes adoptaram franca e abertamente a linguagem mais sediciosa. Não direi que ja tinham igualado o que agora se escreve contra o governo Imperial, e contra a augusta Pessoa de S. M. o Imperador; mas em obsequio á verdade, alguns d'então eram melhor escritos que todos os de hoje; e a novidade do estillo e da ou-

sadia tornava aquelles não menos nocivos do que os de hoje.

Estando os espiritos no maior estado de effervescencia, esperava-se que apparecesse ou fortuita, ou trazida de proposito, qualquer occasião em que rompesse no Rio de Janeiro uma insurreição violenta, á qual o Imperador, quando quizesse resistir-lhe, ja não pudesse por obstaculo algum efficaz.

Mas a facção illudia-se, como se illudem quasi sempre os homens, que arrastados pelas paixões de um partido, veem de facil execução quanto se propõem obrar; ę chamam opinião geral á opinião dos facciosos, os unicos com quem tratam, e que acham sempre possuidos dos mesmos furores que elles respiram. Os caudilhos do congresso intenderam dever aproveitar um facto insignificantissimo para começar a batalha, tendo como certa a victoria. Um official militar, que nascêra em Portugal, offendeu com pancadas um boticario, que nascêra no Brasil: quando se relatou este acontecimento, em si mesmo trivial, disse-se com a malicia, que jamais deixa de entrar em historias desta natureza, que o aggressor soltára expressões offensivas contra o boticario a respeito do logar do seu nascimento: o que não sendo improvavel, nem por isso augmentava a

gravidade da offensa; e só sim tornava mais despresivel o porte de um official, que na rua investe com um homem desarmado, e o espanca violentamente.

Comtudo bastou esta simples occurrencia para que o congresso chamasse ás armas. De todos os lados surgíram vozes de morte. Fallou-se em *vesperas sicilianas*; em *assassinatos de Irlanda*—foram lembradas as crueldades de Pizarro e Almagro—Um padre chamado Muniz, que hoje pertence á seita dos jesuitas, cujas doutrinas professou em Paris, homem inteiramente destituido de principios, e de talentos; porem dotado de uma voz cavernosa, e sepulcral, entoou os funebres clamores de—morram os barbaros Portuguezes! —Mas apesar de todas estas diligencias, claras e occultas, destes estimulos poderosos no animo da plebe de todos os paizes, destes funestos exemplos de desobediencia ás authoridades, de violação das leis, e de recurso á anarchia, devo dizer em obsequio á verdade, que a voz da rasão e da justiça pôde mais com a immensa maioria dos Brasileiros do que os gritos de uma assemblea de assassinos furiosos, que haviam passado as raias da decencia; e que em logar de representação nacional se tornáram o fóco de um incendio, que tendia a

derramar-se por toda a vasta extensão do Brasil.

Os anarchistas pertenderam em primeiro logar dictar leis ao governo, como que ordenando-lhe o castigo do militar, que havia offendido a nação Brasileira!!—Estes furiosos não attendiam a que, representando uma nação tão facil de ser offendida, elles proprios a faziam descer da dignidade que lhe competia; e nivelavam a sua importancia com a de um individuo obscuro, de cujos ultrages, assim como do castigo que merecessem, deviam conhecer as authoridades judiciáes. Esta ingerencia não podia deixar de ter funestissimos effeitos; mas os homens que lançavam mão della isso mesmo desejavam.

O Imperador crêo que a assemblea tomaria diverso caminho, extincto o fogo que se apoderára de grande parte de seus membros; e que estes, melhor aconselhados, voltariam ao estado de serenidade, que desgraçadamente frequentes vezes se altera em assembleas numerosas; mas as esperanças de S. M. foram frustradas; e em lugar de sináes de menos irritação, os furores cresciam de dia em dia, de hora em hora, e com elles as insolencias, os insultos, e os delirios. O partido turbulento augmentou-se, e devia passar a muito mais;

porque não sendo ostensivamente contrastado pelo governo, parecia vencedor; e a causa que tal se suppõe tem sempre muitos partidistas. O Brasil foi testemunha de deserções não esperadas das bandeiras da união para as fileiras de seus inimigos.

Em fim chegou a crise fatal: os Marats da assemblea declararam o Imperador fóra da lei—Estas vozes não podiam qualificar-se de livre enunciação das opiniões de um deputado; não só porque eram muitas; mas porque sem opposição, ou com muito pouca, iam predominando.

Em tal caso a assemblea saíra fóra das attribuições de corpo legistativo; e declarando o Imperador fóra da lei, arrogava-se authoridade judicial, e usurpava a executiva, atacando, o que é mais, a inviolabilidade da pessoa do soberano: se isto não era anarchia, não sei o que anarchia venha a ser.

Ameaçado assim o Brasil de uma subversão geral, cumpria ao Imperador prover á sua propria segurança, e á segurança publica: tentaram-se todos os meios de persuasão e suavidade: estes meios foram inuteis; e pode dizer-se que só serviram para mais irritar os furiosos terroristas, que expuseram a tenção em que estavam de não dar a assemblea por dissol-

vida: e para mais convencerem ò publico de que desconheciam as attribuições dos outros poderes do estado, declararam a sessão permanente. Tudo isto foi preciso para que o Imperador se resolvesse a lançar mão da força a fim de salvar o Brasil de seus proprios representantes. S. M. deu ordens aos chefes das tropas: estas puseram-se em movimento; e os furiosos sophistas da assemblea perguntaram ao Imperador o fim do movimento militar!!! Parte dos ministros que então formavam a administração, ou fosse medo, ou connivencia com os sediciosos, o que é mais natural, desampararam S. M. no meio desta crise: outro ministerio foi nomeado: a resolução de dissolver a assemblea por meio de coacção, se tanto fosse necessario, foi adoptada sem hesitação: lavrou-se um decreto Imperial: o marechal Moráes foi o portador delle; e o marquez de Paranaguá, um dos novos ministros, fez então as vezes de emissario imperial a fim de chamar ainda á rasão os furiosos declamadores. Do marquez, quaesquer que sejam os motivos que eu tenha de lhe não ser affeiçoado, direi sempre que se houve, na difficil occasião a que alludo, com a firmeza, e dignidade de caracter, que mais podia esperar-se de qualquer alto funccionario. Impavido recusou desarmar-se

á porta da assemblea, respondendo aos gritos dos que lhe ordenavam que tirasse a sua espada com a mais firme e resoluta negativa. Neste tempo as tropas marchavam; mas o presidente, marquez de Queluz, julgou não dever aguardar a sua chegada: este homem, tão habil politico como respeitavel jurisconsulto, deu a sessão por acabada, lido que foi o decreto imperial, sem admittir mais discussão alguma; e a assemblea do Brasil não esperou, como a assemblea dos quinhentos em França, que os grandeiros lançassem fora os seus membros á bayoneta calada.

Alguns dos ditos membros foram postos em custodia ao sair: tanto era necessario para os guardar do furor do mesmo povo, que elles quizeram lançar no abysmo da anarchia. Assim acabou a Assemblea constituinte do Brasil em Novembro de 1823.

Tal foi esse acto *escandoloso* e *atrocissimo*, de que hoje ainda fallam, e por ventura mais que nunca, os escritores facciosos. E comtudo ninguem houve então no Imperio, ou fóra delle, que merecesse o nome de judicioso e patriota, que não approvasse a medida tomada pelo Imperador. Não póde tal acto ser tachado de uma violencia da força contra a nação desarmada nas pessoas de seus representantes,

por motivos suppostos, intrigas occultas, e tenebrosos enredos politicos, urdidos para dar occasião ao emprego das armas, e justificar a violação da liberdade. Nem hoje, nem nunca se negou que a assemblea, passando os limites das suas attribuições, ou havia de ser obrigada a entrar nelles de novo, ou dissolvida—Mas não só do sobredito crime era culpada a mesma assemblea: o maior foi o descomedimento com que insultou e invadiu os outros poderes, constituindo-se ella só como reunindo-os todos em si, proclamando a anarchia, as vinganças, e as proscripções. Quem pode pôr em duvida (sendo isto como são verdades notorias) que ao governo cumpria, como defensor da nação, sem perder um instante, fazer o que fez? Quem haverá que ouse accusa-lo de ter commettido violencias, quando é certo que só depois que o perigo se tornou da maior evidencia, é que elle se resolveu a ostentar a força que possuia, empregando-a tão moderadamente, que se não derramou uma gota de sangue? Quem se lhe opporia, se S. M. fizesse um leve aceno, mandando atirar sobre os anarchistas? Que haviam elles feito? Acaso não foram tomados em flagrante na mesma casa aonde tinham protestado resistir ao governo, não separar-se, não reconhecer authoridade

superior á sua, e tudo isto porque o governo recusára satisfazer ás particulares vinganças de meia duzia de homens perversos? Uma cousa cumpre notar porem a respeito das declamações, que hoje se escrevem contra a dissolução da constituinte, e vem a ser: que os escritores que promovem a destruição do gogerno pintam o facto como violento, mas não se atrevem assegurar que fôra injusto, provando que a assemblea não tivesse faltado aos seus deveres. E' facil o qualificar sem provas uma acção de boa ou má; porem demonstra-lo quando o facto foi publico é mais difficil, uma vez que se não siga escrupulosamente a verdade.

O Imperador a quem os inimigos do Brasil chamaram o moderno Pisistrato, mostrou bem depreça que o não era; e pelo contrario, que nenhum Brasileiro o excedia em aversão á tyrannia. Não fôra para tornar-se absoluto que elle dissolvêra a assemblea: S. M. prometteu aos seus subditos uma constituição essencialmente liberal, e lha deu: não fôra para satisfazer vinganças individuáes: essas paixões são inteiramente estranhas ao seu grande coração: áquelles mesmos homens, que foram, depois de dissolvida a assemblea, mandados para a Europa, S. M. proveu com abundantes meios

de subsistencia—As paixões foram-se acalmando com o andar do tempo; e o Monarcha, por elles tão offendido, os chamou de novo, e affavelmente os recebeu.

Com toda a candura deixo escrito o juizo que faço do grande acontecimento que se seguiu á acclamação do Imperador. Neste facto em verdade tive pequena parte; mas tive alguma, como Ajudante que era da guarda: eu esperava que as medidas, e ordens S. M. achassem grandissima resistencia; e quem havia de persuadir-se que os *Grachos* da assemblea Brasileira, que tão arrogantes e intrepidos se mostravam,

Ameaçando a terra, o mar, e o mundo,

não contavam com a cooperação de um partido, conjurado para apparecer, e cair de repente sobre os seus contrarios á hora dada? Como Ajudante da guarda de Sua Magestade, marchei no meu logar, lamentando a fatal necessidade de fazer o primeiro tirocinio militar em guerras civis; porem resolvido a perecer em defensa do Soberano ultrajado pelos seus inimigos, que o não eram menos da nação. Pela primeira vez então senti a quanto eu poderia expor-me por cumprir fielmente as or-

dens, e os menores desejos de S. M. eu sentia um certo prazer de achar difficuldades que vencer, e perigos que arrostar, a fim de provar-lhe a firmeza da minha lealdade á sua pessoa. Felizmente nada foi necessario: na verdade os demagogos, contando com a opinião publica, enganavam-se torpemente: a opinião publica, era contra elles. Nenhum partido tinham que os auxiliasse: o partido eram elles sós, e meia duzia de homens incapazes de capitanear a plebe, e de a chamarem a seguilos, ainda que lhes apparecessem; e por isso este successo, que tão desastroso parecia, veio a mostrar-se feliz; porque desenganou alguns homens, turbulentos por ambiciosos, de que o povo Brasileiro era mais judicioso, e menos inclinado á anarchia do que elles se tinham persuadido; e que para o seduzir era necessario mais tempo, e melhores instrumentos.

III.

Desde a dissolução da Constituinte até Abril de 1825, epocha do minha nomeação de official maior graduado com exercicio do gabinete imperial.

Dissolvida a assemblea constituinte, breve succedeu ás duvidas que alguns homens sob capa espalhavam á cerca da boa fé e generosidade do Imperador, a certeza de que elle cumpriria rapidamente as suas promessas, e de que, mais que nenhum outro Brasileiro, amava e desejava firmar a liberdade do Brasil.

S, Magestade não trabalhava menos do que os seus ministros, e os sabios e patriotas que estes consultavam na formação da nova constituição com que pertendia estabelecer a fortuna da nação, sem arrisca-la aos inconvenientes de longas discussões : a experiencia tinha mostrado a elle, e a todos os que de veras tomavam a peito a organisação do novo Imperio, que nestas discussões, o de que menos se tratava era do interesse nacional, que não podia sofrer as delongas, que inevitavelmente acompanhariam os debates de um projecto de constituição.

Não me demorarei em vãos argumentos a

respeito da soberania: reconheço a justa maxima de que no povo está a origem de todo o poder; porem resiste ao fim da formação das sociedades o caprichoso exercicio deste poder pelo mesmo povo, isto é por um limitado numero de homens, que se chamam povo em quanto querem authorisar esse exercicio; e que assumem o titulo de soberania quando conseguem firmar a sua authoridade. O Brasil tinha-se declarado monarchia por unanime consenso da nação, e por esse mesmo unanime consenso acclamado o Imperador: eis uma acclamação mais solemne do que a do campo de Ourique, aonde somente se ouviram as trombetas guerreiras: monarchia constitucional, e limitada era a Brasileira; porem monarchia. Sendo isto assim, e estabelecidos os poderes publicos, nem o povo, nem os seus representantes, podiam reassumir os ditos poderes ja distribuidos, nem invadir um ou outro, passando assim os limites daquelle que lhes coubera na divisão. Se isto fosse permittido; se tal se intendesse o exercicio da soberania popular; se, constituida uma forma de governo, ficasse ainda sendo licito a um certo numero de homens, que se chamam povo quando pertendem formar um systema de regimen em que tenham parte, o continuar a exercer o

poder primitivo, e a constituir cada dia uma forma de governo, que destruisse a antecedente, quem não vê que era impossivel a conservação das sociedades, que não prosperam, nem subsistem sem estabilidade de garantias, que defendam e protejam os individuos?

O Imperador fôra acclamado monarcha de um imperio constitucional; o governo era representativo; os representantes do povo deviam formar a constituição; mas viu-se que longe disso, tinham estado a ponto de formar a destruição do novo imperio. O Imperador chefe do poder executivo, a quem pertencia de direito prover á salvação do estado, salvou-o, sem querer usurpar maior somma de poder do que pela forma do governo lhe cabia. Viu os inconvenientes que resultaram da formação da lei organica no meio das tempestades de uma assemblea; e tomou o partido de formar essa lei, e offerece-la á approvação, e acceitação dos representantes do povo. Não foi uma constituição outorgada, foi uma constituição offerecida e acceita. A origem do poder ficou intacta, ainda segundo as doutrinas mais populares; porque tanto exerce o poder o que faz uma lei como aquelle que a approva, depois de feita, tendo a faculdade de a regeitar ou altera-la.

O imperador pois trabalhava assiduo na formação da constituição que promettêra ao Brasil; e por este tempo me ordenava muitas e muitas vezes que escrevesse os seus pensamentos sobre diversos pontos della, e até muitos paragraphos e artigos.—Sua Magestade mostrava contentar-se do meu trabalho; pois que em quanto dictava nunca tinha necessidade de parar na torrente do seu discurso, nem de repetir o que uma vez havia dictado: e é natural que, por isso, e por conhecer com quanto desejo de satisfazer as suas ordens eu me prestava a esta especie de serviço, me empregava nelle, assim como em diversos assumptos de sua paticular correspondencia, e apontamentos para lhe servirem de *memorandum*. Entretanto, nem eu faltava ao outro serviço da guarda, nem ao de criado particular: o desejo de ser agradavel a S. M. me dava forças para satisfazer a tão assiduo trabalho; e este zelo se multiplicava com qualquer sinal, ou demonstração de satisfação que S. M. I. me desse.

E não só tive esta fortuna, que para mim, como levo dito, era sufficiente galardão; mas ainda o generoso Monarcha se dignou de darme o logar de official da Secretaria por Decreto do primeiro de Dezembro de 1823.

Formada a nova constituição do Imperio, sem duvida a mais liberal que era possivel dar-se; e ao mesmo tempo com todas as garantias, que podem assegurar a manutenção dos quatro poderes publicos, foi apresentada á nação, que a recebeu cheia de jubilo, e de reconhecimento em 25 de Março de 1824. Assim ficou solemnissimamente constituido o imperio do Brasil; e assim devia caminhar à passos agigantados para a sua prosperidade, se todos os funccionarios, de qualquer graduação que elles possam considerar-se, tivessem tanto patriotismo, e tanto amor á liberdade como o Imperador Pedro I°; e se, em logar de desvairar o espirito do povo innocente com doutrinas abstractas e inapplicaveis, em logar de o arrastar aos delirios das sublevações, os escritores publicos, e muitos representantes da nação, se esforçassem por instrui-lo nos seus deveres e direitos; abrindo aos homens dignos e honrados a porta das recompensas ao merito, e não a dos premios dos flagicios, e dos crimes.

Em quanto a mim, depois de haver sido despachado official da Secretaria dos negocios do Imperio, como fica dito, nem por isso deixei de considerar-me criado particular de S. M. que dignando-se conservar, e augmentar a

confiança que o meu zelo, e gosto de servi-lo lhe inspirava, me foi sempre encarregando, ja da sua correspondencia particular, e ja do arranjo de papeis pertencentes á sua casa. Este foi o principio da formação de um gabinete particular, do qual S. M. se dignou dar-me a qualificação de secretario, qualificação que não foi alterada quando em 4 de Abril de 1825 recebi a graduação de official maior da mesma secretaria.

E' este gabinete, chamado pelos inimigos de S. M., que por certo não são os meus amigos, —gabinete secreto—o que tem feito levantar mil clamores contra o Imperador, e contra mim. O exercicio de secretario do gabinete de S. Magestade deu logar a que se entoassem mil vãas e pueris declamações, e calumnias, tão despresiveis como seus authores. Homens que nunca leram uma pagina sobre formas de governo, clamaram que tal gabinete era inconstitucional, que era uma *camarilha*—um *conseil secret*, uma *inquisição;* em fim um poder de venerosa influencia, que desharmonisava a maquina politica. Ainda hoje se declama, não contra o gabinete, nem contra um secretario particular de um imperante, mas sim contra o homem amigo de do Imperador, e contra S. Magestade, que reconhecia a fidelidade deste

homem. Não seria possivel haver um gabinete imperial, e um secretario para dirigir os trabalhos deste gabinete, sem violar a forma de governo representativo no Brasil? Que demencia?

El rei de Inglaterra tem dois secretarios particulares, reputados officiáes publicos, e ninguem os accusou nunca de violar a constituição do governo—O regente da Belgica nomeou, entre os primeiros officios que foram preenchidos, o seu secretario, apesar de estarem divididas as repartições publicas: e ainda até hoje nenhum Belga se lembrou que tal nomeação, tal officio, tal gabinete, ou escritorio, ou secretaria, ou como os sabios do Brasil lhe quizerem chamar, fosse um estabelecimento inimigo da liberdade. Chefe de uma republica era Cromwell, e tinha o seu secretario particular: em nenhum destes foi crime o que era crime no Imperador. Miseraveis sycophantas! Ora em se vendo de que natureza eram os trabalhos do gabinete, conhecer-se ha a rasão com que fallavam, não só os periodistas do Brasil, mas taobem traidores de mais alta qualidade, que terei de mencionar adiante. S. Magestade dividiu estes negocios em domesticos, pertencentes privativamente á sua imperial casa, e em politicos: estes versavam sobre

informações, que elle pedia a respeito de certos e determinados negocios; sobre o juizo, e parecer que queria dar no conselho á cerca de materias, que no mesmo conselho se tratavam; lembranças sobre alguns memoriáes, que eram entregues a S. M.; e muitas vezes até memorias sobre decisões tomadas para lhe servirem de aresto em casos similhantes &ª. &ª. Ja se vê que objectos de tal natureza nem influiam na marcha da administração, nem prejudicavam individuos: Vê-se mais que, tão longe estavam de ser prejudiciáes, que eram uteis até ao serviço publico, e ao expediente dos negocios. S. M. tratou sempre com particularissimo interesse todos os assumptos do governo: desejava sem dúvida ouvir diversos pareceres; desejava adquirir noções, que muitos homens podem ter, e que um difficilmente possue; mas qual era o emprego que o Imperador fez jamais dessas noções em violação da lei fundamental, ou das outras leis do estado? Porque se não dignam os calumniadores citar, nem sequer um só exemplo? *O gabinete secreto influe nos negocios publicos!* Podia acaso S. M., a não ser pelo orgão dos seus ministros, tomar decisão alguma governativa? Prova-se por ventura que jamais a

quizesse tomar? E quando esses ministros cedessem ao encarecido influxo secreto (o que jamais aconteceu), e em logar de cumprirem os seus deveres para com a nação, se affastassem delles, de quem era a culpa? Seria do Imperador, cuja pessoa a lei torna inviolavel?—Seria do seu secretario, que não exercendo logar nenhum publico governativo, nenhuma medida podia tomar-se em virtude de ordem sua; ou sim e somente dos ministros, que cedessem ao *maligno* influxo? Quem os obrigou jamais a assinar contra o que intendessem quaesquer ordens do Soberano? Quem os accusou de tão criminosa condescendencia? Qual delles resistiu a authorisar com a sua assinatura actos illegáes? Aonde estão os crimes do secretario, e do gabinete? Factos, factos, e não declamações e insolencias, ditas com a indigna affectação de que ainda fica muito por dizer: factos allegados e provados é que podem tornar-se dignos de attenção, e constituir mais ou menos criminosos os seus authores, segundo o maior ou menor delicto commettido. Ainda até hoje nenhum desses homens vís, que pertendem sepultar o Brasil no abismo da anarchia, se atreveu a citar um só facto.

Acaso deixarão os inimigos do Imperador de procuar descubrir os mais enterrados no segredo? Elles, que recorrem a invenções na falta das realidades, com quanta avidez abraçariam a occasião de mostrar a funesta influencia do decantado *gabinete secreto*, se lhes fosse possivel achar o mais ligeiro fundamento de accusação.

Nego que jamais houvesse nem a influencia que se diz, nem o desejo de que ella existisse: nego que sua Magestade jamais quizesse comprometter os seus ministros a ponto de obrigalos, de qualquer modo que esta expressão se intenda, a affastar-se dos seus deveres, e a incorrer na menor responsabilidade: nego que sua Magestade em seus conselhos se valesse jamais da cooperação do seu gabinete para mudar, ou alterar, ou modificar as decisões do mesmo conselho. Não nunca tal quiz; nunca de tal se lembrou; nunca houve Brasileiro mais exacto observante da constituição, e das leis. Se pudesse notar-se defeito no extremo contrario, ahi é que se deviam procurar os do Imperador. Ora sendo isto verdade, como é (e se o não fosse que largos commentos fariam os jornalistas do Brasil aos actos despoticos de S. M.!) está claro que ao secretario do gabinete imperial se não pode fazer impu-

tação alguma sobre este decantado influxo Quererem os membros da republica, ou os partidistas do republico, vedar a S. M. o direito de exigir de mim uma informação sobre qualquer negocio, ou pessoa, e a mim a faculdade de responder a meu augusto Amo a verdade, ou o que tal eu reputasse é um novo modo de tyrannisar; é uma especie de despotismo de que ainda não houve lembrança, a não ser no Brasil, aonde se não dá extravagancia, ou delirio, que não tenha sectarios e panegiristas. Estes politicos desejam ter um monarcha inteiramente destituido de faculdades mentáes, que nenhum pessoal interesse tome por seus subditos, que ignore absolutamente o estado das cousas, que veja pelos olhos de certos homens: um authomato em fim! Ignorantes! que errado juizo que fazem da monarchia constitucional!

E pois que toquei na corda tantas vezes ferida por meus inimigos, entre os quáes se não levanta nem uma só voz de queixume, de injustiça, desfavor, máu tratamento, injuria que eu jamais fizesse a homem algum, não passarei sem fallar na mais escandalosa de todas as accusações feitas ao gabinete secreto, e aos criados do Imperador, vulgarmente denominados—as fardas verdes.—

A sociedade dos *columnas*—Os escritores do

partido anti-imperial imaginaram que havia uma extensa sociedade secreta, cujo fim era estabelecer o absolutismo no Brasil; que esta sociedade fôra organisada no palacio; que S.M. é o chefe e cabeça della; que os seus criados particulares são membros; que o gabinete *secreto* (este nome quadrà ao intento) é a camara *tenebrosa*, aonde se fazem sessões, donde se expedem ordens para levar avante os planos liberticidas. Estas patranhas incansavelmente repetidas por um, e por todos os calumniadores, chegam a ser acreditadas como verdade, até ás vezes pelos proprios que as inventam: e parece que isso tem succedido.—

A sociedade dos *columnas* nunca foi sociedade secreta, nem sociedade não secreta. Houve uns homens, que formaram o projecto de uma sociedade: não importa para que fins, á qual davam este nome de *columnas*, se bem me lembro: pediram ao governo a necessaria authorisação a fim de poderem celebrar as suas sessões: o governo negou a dita authorisação, e acabou-se a sociedade ainda antes de principiar. Eis aqui a historia verdadeira dos *columnas:* era uma sociedade secreta, porque ninguem podia dar nella: e aonde se acharia, se nunca chegou a existir? Ignorada; mas o primeiro passo que deu, quando quiz sair á luz,

foi pedir publicamente licença para isso; e não a obtendo, ficou nas trevas; e só neste sentido se pode chamar occulta.

Mas os calumniadores publicos não curam se é verdade ou não o que elles escrevem; e só sim se pode ou não prejudicar ao Imperador, e aos homens de bem do Brasil: ora se puderem conseguir que o povo se capacite da existencia de uma sociedade destinada a escravisar a nação, conseguirão malquistar o Soberano com o seu Povo, e isto justamente é só o de que se trata.

O que posso dizer é que da sociedade dos *columnas* nem eu sei mais do que o que fica dito, nem S. Magestade mais do que eu. Nunca se citou facto algum dos membros dessa espantosa sociedade; nunca se achou papel, que denotasse a existencia della; nunca se disse que decisão nella se tomára sobre uma ou outra occurrencia. Como pode acreditar-se pois a misteriosa existencia de tal sociedade? Della são membros, segundo escrevem os anarchistas, todos os amigos do Imperador, da constituição, do imperio, da paz, e da liberdade dos cidadãos; della são membros todos os nascidos em Portugal, e todos os que, não havendo adoptado o Brasil como patria, se denominam Por-

tuguezes: por tanto a sociedade dos *columnas* é a sociedade dos *recolonisadores!*...

Como em Portugal é chamado pelos partidistas do usurpador—*pedreiro livre*—todo o homem que não segue, e não gaba o systema do terrivel governo que lá reina, assim no Brasil são denominados *columnas* todos o funccionarios publicos, a cujas diligencias se deve a manutenção da ordem: todo o militar que não quer ouvir discussões politicas, ou tomar parte nellas, sendo contra a pessoa do Imperador, é *ipso facto*, *columna*: todo o magistrado que não dá sentença contra homens nascidos em Portugal, tenham ou não tenham justiça, é *columna;* finalmente todo o Brasileiro nato, que reprova as insolencias proferidas contra os Portuguezes e Brasileiros nascidos em Portugal, é tãobem *columna*, que significa—*recolonisador.*

Isto em si parece de pequena consequencia; e o seria em uma nação menos ignorante, menos ociosa que a Brasileira. Ninguem no Brasil trata de indigar a verdade do que se escreve: em o escrito contendo malediciencia, é bom; em se menoscabando a reputação do homem empregado faz-se serviço á patria. A moral publica está bem longe de offender-se da impunidade em que vivem os calumniado-

res: pelo contrario, présa-se o homem por impudente; e respeita-se como varão constante, se tenazmente persiste em maltratar com injurias aquelles contra quem uma vez se declarou. Eis aqui a origem e os progressos da famosa sociedade dos *columnas:* ente imaginario, que os inimigos do Imperador fingem temer: corpo fantastico, ao qual pertendem dar gigantescas dimensões. Como todos os dias se repete a palavra *columnas*, como os detractores dos amigos de S. M. I. e *delle proprio*, não cessam de repisar sobre os suppostos planos de absolutismo dos recolonisadores, parece que tanto os enganados como os enganadores dão credito ao que uns dizem, e outros ouvem, á cerca dos temiveis *columnas*. Ha quem os tenha visto reunidos; ha quem os tenha ouvido maldizer da liberdade! .... Que admiração? .... Tão pouca gente ha que tenha conversado com bruxas e lubishomens? ....

IV.

Desde que se fez o tratado da independencia com Portugal até ás providencias dadas em consequencia da morte d'el Rei, o Senhor D. João VI.

Não é da natureza deste escrito o guardar-se o fio dos acontecimentos sempre inteiro. Não me propuz esse trabalho, nem o poderia executar, ainda quando quisesse: o fazê-lo com perfeição requer forças incomparavelmente maiores que as minhas. Trato só dos factos de que fui testemunha, e refiro delles tudo quanto sei. Sobre os em que não tive parte só escrevo o que me parece necessario para dar, com a menção que delles faço, idea de outros que haja de referir. Agora pois, ainda que só de passo, fallarei do tratado de 29 de agosto de 1825, porque elle é um acontecimento mui importante da moderna historia do Brasil; e como que dá a ultima sancção á independencia do imperio. Ainda eu o considero por outro lado, senão interessante aos Brasileiros, por certo muito para os Portuguezes, irmãos destes, ou os *republicos* queiram ou não!... (Alguem perguntará se acaso os nos-

sos democratas preferem ao sangue portuguez o sangue africano, destemperado com o caboucIo? Sim : alguns ha que de certo preferem . . . .) Nesse tratado, pelo qual o Senhor D. João VI reconheceu o Brasil como imperio independente de Portugal, seu augusto Filho, o Imperador, não cedeu o minimo dos seus direitos á corôa portugueza ; antes elles todos ficaram intactos : o que se estipulou foi que o Brasil não faria jamais parte do imperio portuguez ; mas sim que formaria uma nação em tudo separada e independente. E como nem o Imperador declarou, nem S. M. F. fez menção da menor mudança na ordem da successão do reino, continuaram os direitos de heranca tão inteiros como eram antes, na pessoa do primogenito da augusta casa de Bragança ; e tanto S. M. F. se manteve nesta certeza, que os diplomas que em Portugal se publicaram, noticiando a independencia do Brasil, todos declaravam que S. M. Imperial, até ali tratado sempre como Principe Real, continuava tendo á coroa portugueza todos os direitos que o seu nascimento lhe dava. A unica circunstancia de se não haver feito a menor alteração sobre ponto tão essencial assás demonstra que relativamente a elle tudo permanecia *statu quo*. Que os Portuguezes que tiveram a desgraça

de seguir o partido da usurpação negassem ao Imperador os clarissimos direitos de S. Magestade á coroa de seus augustos maiores, não é de maravilhar; porque, sem negarem este ponto capital, era-lhes impossivel lançar-se no caminho da mesma usurpação; mas que entre os Brasileiros, amantes da liberdade, se achassem homens (e no corpo legislativo!.....) que tratassem o usurpador de rei legitimo, isso na verdade parece inacreditavel! A que proposito se pronunciaria tamanho absurdo, e tão vergonhosa offensa ao Imperador? Se o Senhor D. Miguel fosse rei legitimo, seguir-se-hia que o Senhor D. Pedro tinha sido um usurpador; que S. Magestade a Senhora D. Maria segunda, era intrusa, e estrangeira; e que os homens honrados, que se sacrificaram pela causa da liberdade da sua patria não passavam de um bando de rebeldes! Estas qualificações bem é que as deem os agentes, e escritores assalariados do Senhor Infante D. Miguel; mas quando sáem da boca de um deputado brasileiro, que passa por homem liberal, são a desgraça, e a vergonha de seu author, do partido que elle segue, e até, digamo-lo affoitamente, a vergonha da nação a que pertence.

Não me demorarei mais considerando por

este lado, isto é, pelo que pertence a Portugal, o tratado da dependencia do Brasil, negociado por parte daquelle reino por Sir Charles Stuart, tratado em que a grãa Bretanha teve a mediação. S. M. desejava muito que se effeituasse um pacto amigavel entre o Brasil e Portugal, para pôr termo a esse estado de guerra em que os dois povos se achavam desde 1823; guerra não feita com vehemencia, é verdade, e até ja nem sem ella; porem mantendo ambas as nações em desconfiança, e em inimisade; sendo causa da detenção de navios portuguezes, e de propriedades portuguezas, &ª. &ª. S. M. não deixava de queixar-se extremamente da necessidade em que se víra de manter essa apparencia de hostilidades; e sobre tudo sempre que se tratava da guerra com Portugal mostrava o grande pesar que sentia de não poder conservar inteiras as suas relações de amizade com a terra em que nascêra, e principalmente com el Rei seu Augusto Páe.

Este sentimento era o do Brasil: dois annos haviam sido tempo bastante para que arrefecesse a indisposição entre Americanos e Europeus: a interrupção das hostilidades de parte a parte quasi que fôra uma necessidade, confessada por ambos os povos: as condições do tratado foram ratificadas em Lisboa sem a menor hesitação; e

pareceram mui justas aos Brasileiros, que viam ficar a traz de si os Americanos Hespanhóes com a guerra a braços, apesar de haverem encetado 15 annos antes delles a carreira da independencia. O que me cumpre assegurar, em obsequio á verdade, é que jamais vi S. M. I. tão alegre, e tão verdadeiramente feliz como nesta epocha, em que as bençãos da paz do Brasil se combinavam com a renovação da perfeita intelligencia entre S. M. e seu augusto Páe, e com as renovadas relações de amisade entre Brasileiros e Portuguezes. S. M. creu que jamais voltariam os infelices dias de tumulto em que se manifestaram os odios nacionáes com tão implacaveis furores, como se Portuguezes e Brasileiros, que poucos dias antes haviam formado um só povo, houvessem de renovar a inimizade de Carthaginezes e Romanos.

Mas o receio de tornar a ver o Brasil em mãos de Portuguezes nunca foi sincero, depois que o Imperador declarou que protegia a independencia nacional. Ha homens cujas acções excluem toda a suspeita de dobrez em seu caracter. S. M. I. é um desses homens, raros em numero, é verdade. O certo é que os Brasileiros, ainda os mais zelosos e desconfiados, nunca ousaram dizer, e por ventura nunca suspeitaram, que as promessas de S. M.

fossem faltas de verdade e franqueza. Digo que os receios da *recolonisação* do Brasil não foram sinceros, depois da declaração da independencia; porque a ninguem era occulto quanto S. M. I. se disvelava por mante-la e defende-la; e quanto Portugal estava longe de repetir os inuteis esforços que fizera para conservar a Bahia, apesar do valor e disciplina de suas tropas, fallando a verdade, em tudo mui superiores ás nossas. Os menos intelligentes viam que em quanto S. M. I. fosse o chefe da nação Brasileira jamais os Portuguezes combateriam os soldados desta nação. Se isto assim devia ser, e assim era de facto, antes que se negociasse o tratado da independencia, de que acima fez menção, quanto mais seguro se reputaria depois que o tratado se concluiu, e que Portugal, reconhecendo no Brasil um imperio separado, desistia de todos os direitos de que até ali se pudesse julgar revestido para tentar a odiosa recolonisação? O supposto receio de tentativas de Portuguezes havia pois sido o pretexto, que se allegava como justo motivo para suscitar as parciáes dissenções, que os inimigos da paz e do imperio promoviam em algumas terras delle: para prova disto basta considerar-se que logo depois de celebrado o tratado de que acima fallei, isto é

depois de removida até a minima sombra de suspeita contra a integridade e independencia do imperio, se levantaram novos tumultos e vozes republicanas. A Bahia foi a que apresentou a primeira scena desta natureza no principio do anno de 1826.

O Imperador confiava na actividade e firmeza do presidente da provincia, o marquez de Queluz; e quando lhe chegaram novas do estado de turbulencia em que a mesma provincia se achava, ficou sobre modo maravilhado. Posto que S. M. attribuisse o successo ao parcial empenho de meia duzia de homens, como na verdade era, conheceu-se que seu coração sentíra profundamente a ingratidão de homens, que tão insensiveis se mostravam aos beneficios que o Brasil estava recebendo do seu Imperador.

Os factos occorridos ja não eram os que assustavam; porem aquelles que ninguem deixava de temer que breve se seguissem aos primeiros, como necessaria consequencia do impulso dado, faziam descorar os mais animosos. As vozes que se tinham soltado eram—morram os Portuguezes—Esta fôra a senha para numerosissimos ajuntamentos de homens de côr, os quáes sem detenção, nem receio, passaram a commetter crimes. A força composta dos

naturáes da provincia pareceu hesitar, ou fosse receio ou connivencia. Os negros da Bahia e Reconcavo davam muito que recear, e as authoridades careciam de força material, que se oppusesse ás tentativas dos inimigos da ordem. Todos sabem que sendo esta força respeitavel não deixa esperanças de triumpho aos revolucionarios, que antes de a verem manobrar se dispersam, e se escondem; porem quando, ou o pequeno numero da tropa, ou a sua divisão em partidos, a faz parecer fraco obstaculo aos planos dos inquietadores publicos, estes a accommettem; derrama-se sangue; e o governo ou é vencido, ou tem a desventura de ganhar victorias sobre os cidadãos: deporaveis triumphos! Neste ultimo caso se achava o governo da Bahia. S. M. para evitar a carnagem dos habitantes do Brasil, ja nação independente, se resolveu a passar á Bahia, crendo que a sua pessoa daria brios aos fieis, atemorizaria os revoltosos, e conseguiria tranquillizar a interessante provincia, que se achava a ponto de cair victima da anarchia.

Partiu S. M. com a rapidez com que executa os seus projectos, quaesquer que elles sejam. Eu tive a honra de o acompanhar, e de o servir. O Senhor D. Pedro levou a paz aos povos que visitou: ouviu as suas queixas; proveu de

remedio tudo quanto delle necessitava; deixou-se ver ao povo, escutou-o, respondeu-lhe, satisfê-lo, e tranquillizou-o. Muito concorreram para alcançar este fim os trabalhos do presidente: não ousarei dizer que os meus não foram inuteis, porque eu só fiz o que S. M. me ordenou; e portanto, o acerto e o bom resultado, que delles se seguiu, justo é que seja attribuido a S. M. I. Se tão grandes bens forem algum dia mais reconhecidos do que até agora hão sido, assás satisfeito ficarei; porque todos os meus desejos consistem em que a nação Brasileira, desenganada das illusões que até aqui lhe fizeram arredar a vista dos verdadeiros bens que deve ao Imperador, venha finalmente a conhece-lo, e a respeita-lo como o salvador da mesma nação, ja pela independencia que lhe deu, ja pelas desventuras de que a libertou, suffocando o monstro das discordias civis, que tantos males ha feito aos nossos visinhos, que foram colonias de Hespanha.

Como S. M. patíra para a Bahia desacompanhado de ministros; como se offereceram muitas providencias que dar para conseguir a pacificação da provincia; como a actividade do mesmo Senhor é superior ao que podem julgar aquelles, que não tem a ventura de o conhecer de perto, não parecerá gratuita alle-

gação de serviço a declaração que eu faça de que fui pretestavel ao Imperador, que me empregou na execução das suas ordens durante todo o tempo que se demorou naquella cidade, sem me deixar quasi que um só momento de descanço: bem de que elle tão pouco podia gosar, nem repouso algum lhe permittia o ardente empenho em que estava de restituir a paz á provincia, sem o emprego de uma só bayoneta. A prudencia e zelo do marquez de Queluz não podiam deixar de ser em táes circunstancias mui uteis ao Imperador. S. M. viu por seus proprios olhos que não eram os suppostos maleficios do presidente quem tinha dado logar á sublevação, como frequentes vezes acontece: e até, quasi sempre as authoridades são culpadas das irrupções populares, que significam pela maior parte extinção da paciencia humana em sofrer tyrannias e injustiças. Não: pelo contrario, podia assegurar-se que não havendo o presidente conseguido obstar ao rompimento da anarchia, nenhum outro homem devia conceber tal esperança, a menos que não fosse o Imperador em pessoa. João Severianno, nascido Brasileiro tinha por isso a qualidade de não causar desconfianças aos seus compatriotas sobre o que elles chamam—amor da patria. Como é homem

de boas letras, e de talentos avantajados, não só melhor que muitos conhece, ou pode descubrir as causas dos successos, mas taobem occorrer promptamente com as medidas mais acertadas quando o caso o requeira. Os publicos serviços que o marquez de Queluz tem feito durante muitos annos lhe hão estabelecido credito sufficiente para com os Brasileiros, que em geral reconhecem o seu merecimento, sempre que algum intervalo da guerra dos partidos, em que os mesmos Brasileiros se acham como se esse fôra o seu natural modo de existir, lhes não tolda de todo os olhos da rasão.

S. Magestade recebeu sem dúvida muita coperação da parte do presidente da provincia; porem diga-se sem o menor intuito de faltar á verdade, só a sua imperial presença valeu exercitos para subjugar os animos inquietos da multidão, que induzida por meia duzia de ambiciosos, a favor de quem trabalhava sem de tal dar fé, parecia querer destruir de uma vez a constituição e todas as formas governativas. Fallava-se em igualdade; mas era a igualdade da ilha de S. Domingos, era a anarchia armada de punháes: do meio da carnagem deveria surgir um pacificador, que impunemente lançasse grilhões aos braços assassinos, mas ja cançados, dos que sobrevivessem á matança.

O Imperador com a sua presença, com suas proclamações, com innumeraveis providencias que deu, acalmou o furor do partido anti-nacional, e saiu deixando a provincia no goso de profunda paz, que foi de longa dura, apesar de haver na Bahia mais do que em nenhuma outra das provincias do Brasil antigas sementes de doutrinas anarchicas, os fructos das quáes por diversas vezes hão sido funestos a muitos de seus habitantes.

S. M. com a sua usual generosidade galardou os serviços que eu tive a fortuna de prestar-lhe durante a sua curta residencia na Bahia, concedendo-me o titulo do seu conselho. Ja eu tinha antes da nossa partida recebido do mesmo Senhor a mercê da commenda honnoraria da ordem de Christo; e pouco depois, na qualidade de capitão da imperial guarda de honra, fui condecorado com a insignia de cavalleiro da ordem do Cruzeiro.

Não decorreram muitos dias desde que sua Magestade chegára á sua capital de volta da Bahia, quando novos e molestos cuidados o assaltaram de improviso. Entrou no porto a fragata portugueza Lealdade, e levou a S. M. a nova da morte de seu augusto Páe, o Senhor Rei D. João Sexto: O imperador sentiu este golpe como filho verdadeiramente amante;

como aquelle filho, que fôra sempre o predilecto de seu veneravel Páe. Porem o tempo nem sequer lhe permittiu o entregar-se á magoa, que lhe causára o primeiro successo desafortunado que havia tido durante a sua vida. Uma nação inteira reclamava os seus paternáes cuidados, e promptos remedios aos màles de que se achava ameaçada.

O Imperador participou ao conselho d'Estado o fatal acontecimento, que punha segunda corôa na sua augusta cabeça; e declarou-lhe o partido que tomára de exercer a soberania legitima de Portugal, do qual por ordem da successão era rei, sóem quanto fosse necessario para tornar feliz o reino, que amava como a terra aonde tivera o seu berço, e aonde se achavam sepultados seus augustos predecessores, cuja ascendencia se mete pela escuridão dos seculos.

O conselho ficou inteirado do systema que S. M. adoptára, o mais proprio para remover todos os temores, que pudesse causar aos Brasileiros a reunião de Portugal sob o sceptro do monarcha do Brasil. Certo de que tal reunião não teria logar, e que S. M. abdicaria a corôa portugueza depois de ter providenciado o que intendesse justo e necessario, não interveio em

medida alguma que S. M. adoptasse, nem foi sabedor das que o mesmo Senhor determinou senão depois de patentes. Sua Magestade teve algumas conferencias com pessoas que mereciam a sua confiança, e entre ellas é justo contar o embaixador Sir Charles Stuart, a quem fez sabedor do plano de politica adoptado para restituir a Portugal a sua antiga representação, e forma de governo, melhorando-a, e pondo-a, por assim dizer, a par do seculo presente. Sir Charles Stuart, parecia dar a preferencia a uma convocação dos antigos estados do Reino, na ausencia do monarcha; visto, como elle proprio convinha, que era forçoso nas circunstancias do tempo, chamar a nação a côrtes. O imperador expoz ao diplomata inglez a rasão porque lhe parecia preferivel dar S. M. uma carta constitucional a seus sabditos; sem embargo de que reputava boas, para o tempo em que estiveram em uso, as antigas côrtes da nação. Os argumentos de S. Charles não versavam sobre a legitimidade do acto de S. M. em quem elle reconhecia o pleno direito, que na qualidade de monarcha absoluto lhe assistia para fazer reviver as leis, e instituições fundamentáes da monarchia, melhoradas conforme as opiniões e luzes da idade; mas sim sobre o

cíume com que algumas potencias europeas olhariam para uma que haviam de suppor nova constituição: de modo que o argumento não versou sobre o direito, mas sim sobre a conveniencia. S. M. havia meditado no assumpto com toda a seriedade, e nem tinha escapado á sua penetração o fundamento das objecções do ministro plenipotenciario d'el Rei seu Augusto Páe. Por este motivo desfez as suas objecções de tal modo, que Sir Charles se confessou plenamente convencido de que a rasão estava da parte do Imperador. Se é necessario, disse S. M. chamar, a nação a côrtes, sendo taobem indispensavel fazer alterações na forma das antigas assembleas, por isso que se acham em desuso desde longa serie de annos, expõe-se o governo a que o ajuntamento venha a tornar-se perigoso, au quando menos, a causar grandes receios; por isso que facilmente pode tomar a dènominação, e prerogativas de corpo constituinte.—Similhante acontecimento produziria, segundo o pensar de S.M. inconvenientes, que uma carta constitucional não podia produzir; pois que, nada deixando problematico, nem contencioso, o melhor de seus effeitos era determinar os deveres, e attribuições do governo, e dos corpos de que elle, e a representação nacional se compõem, assim como os fóros e de-

veres de todos os subditos, sem dar logar a questões de direitos civis, ou politicos. Isto se passou: as rasões do Imperador convenceram, como ja disse, o ministro, que exprimiu com toda a franqueza a S. M. que na verdade tinha como preferivel o expediente adoptado pelo mesmo Senhor, a outro qualquer que houvesse de tomar-se nas circunstancias em que o reino de Portugal se achava; não mostrando dúvida alguma sobre a determinação, mas sim, e sómente, se os Portuguezes receberiam gostosos a dadida do legitimo Soberano. Nesta parte Sir Charles Stuart parecia achar-se mal informado a respeito do estado das opiniões em Portugal—Tinha-se dito que a nação portugueza preferia um governo absoluto a um governo representativo — alguns factos, cujas causas por ventura ou se não haviam indagado, ou foram de proposito encubertas, concorriam para dar entre certa ordem de homens pêso a tal opinião. S. M. I. como Rei de Portugal julgou de diverso modo; e tendo determinado em sua mente de restituir á nação os fóros de que durante muitos seculos gosára, estabelecendo o seu governo representativo sobre bases immutaveis, creu que a nação, longe de receber triste, e só levada por mera obediencia, a dadiva do monarcha exultaria, de jubilo—Bem

sabe o mundo que a opinião de S. M. era a verdadeira. Não deixou de prever que inimigos externos tratariam de desmantelar o seu novo e glorioso edificio: tratou de o segurar; e um dos meios foi a escolha que fez do portador da Carta constitucional, e de seus outros decretos a Lisboa.

Sendo tudo quanto S. M. I. mandou fazer sobre a constituição de Portugal, e mais objectos relativos a este reino, inteiramente separado de negocios governativos do Brasil, sem influxo algum dos membros da administração, comecei eu, e acabei, os trabalhos que então se fizeram, seguindo o plano que Sua Magestade me deu relativamente ao systema em geral, e certas providencias particulares.

O Imperador determinou expressamente quanto na Carta se contem de mais essencial; estabeleceu a ordem das materias; os limites dos poderes publicos, e sua divisão. E esboçando os artigos secundarios, que são como corolarios de outros mais principáes, veio assim a ser exclusivamente o author dessa maravilhosa obra, que tantos louvores e tamanha admiração e inveja de todos os homens sabios lhe grangeou.

Os melhores publicistas de Portugal e das nações illuminadas da Europa deram á Carta

portugueza extraordinarios elogios. Em França Benjamin Constant, e em Inglaterra o immortal Canning a reputaram appropriadissima a Portugal—O ultimo destes grandes homens disse na camara dos communs em 12 de dezembro de 1826—*Queira Deus fazer prosperar esta tentativa do estabelececimento da liberdade constitucional em Portugal. Possa esta nação achar-se em termos de abraçar e gosar seus novos privilegios, como se ha mostrado capaz de figurar dignamente entre as nações do mundo.*

E' este o maior testemunho que pode dar-se do profundo senso politico do Imperador do Brasil, a quem ingratos hão representado como olhando com fria indifferença para a sua patria natural.

E' sorte de S. M. I. ser calumniado por ambas as partes contendentes; isto é pelos malevolos de partidos oppostos—Os do Brasil accusam o Imperador de ser em tudo Portuguez, e alguns Portuguezes de ser em tudo Brasileiro. Na verdade o Imperador havendo assumido a corôa imperial do Brasil fôra estranhavel se deixasse de tratar os interesses do Imperio como a primeira das suas obrigações; porem sendo os negocios de Portugal, depois da separação das duas nações, inteiramente desconnexos do Brasil, podia S. M. dar-se a elles com o mais decidido disvelo sem que em

nada offendesse os do Imperio: muito pelo contrario, quanto mais prospero viesse Portugal a ser em virtude das instituições, e de outras providencias com que o Imperador lhe acudíra, mais util seria ao Brasil, como seu correspondente em commercio, e seu amigo.

Pelo que toca a Portugal em que deixou S. M. de procurar felicita-lo? Deu-lhe uma constituição cuja belleza consiste em fazer reviver as antigas liberdades do Reino com a unica differença de traje, que o tempo substituiu aos antigos vestuarios. As côrtes de Braços, como as convocou o senhor Infante D. Miguel quando quiz usurpar a corôa a sua augusta Soberana, foram um acto tão estranho aos usos da moderna Europa, como seria hoje o restabelecimento da antiga organisação da milicia, segundo a qual os senhores concorriam com certo numero de lanças. Quem não riria se hoje o geral dos bernardos, cuberto o escapulario com arnez luzente, e as côxas defendidas com fraldão de dura malha, campeasse com alguns centanares de ginetes e peões? Em quanto ás ordens do estado representadas nas antigas côrtes, as duas camaras as representam distinctamente. A nobreza que havia de todo perdido a sua antiga consideração politica como ordem, a recebeu das mãos do monarcha,

muito melhor determinada, formando um corpo politico legal; e bem assim o clero, representado pelos bispos de todas as dioceses do reino e seus dominios.

Alem deste beneficio que S. M. I. fez á nação portugueza, com o unico fim de a tornar ditosa e livre, não é justo que a mesma nação jamais esqueça a generosa e verdadeiramente geral amnistia que pela mesma occasião deu ás opiniões e factos politicos: a primeira de que eu tenha noticia que mereça o nome de amnistia geral: todas as mais que até essa, e ainda depois hei podido ver, são antes tabelas de proscripção do que documentos de generosa beneficencia—Haja vista á de Fernando setimo noivo, e antes della a um rol de excepções publicado em Lisboa em 1828, de que apenas tiraram utilidade os facinorosos e salteadores.

Havendo S. M. provido a tudo quanto creu necessario para firmar sobre bases permanentes os destinos da nação portugueza, abdicou corôa que herdára; mas antes disso, em testemunho de agrado pelos trabalhos que eu acabára, e eu sómente, sobre tudo quanto era relativo a Portugal, me honrou na sua qualidade de Rei com a commenda da Torre e Espada, insignia para mim preciosissima pois que ella me recorda a patria a quem devo o

nascimento, e que sempre amei estremoso, assim como o prazer de ter concorrido, quanto em mim coube, segundo as circunstancias em que a Providencia me collocou, para torna-la ditosa e livre.

Na mesma abdicação da corôa portugueza se conhece o interesse que sua Magestade tomava pela nação. Incerto a respeito do comportamento que teria o senhor Infante D. Miguel; e receando os effeitos das intrigas dos governos e dos individuos inimigos da liberdade, o Imperador abdicou, declarando expressamente as condições da sua abdicação, faltando as quaes, ou alguma dellas, a dita abdicação se tornaria nulla. Este intendi eu sempre que era o melhor fiador que podia dar-se á nação portugueza do disvelo e interesse com que S. Magestade procurava firmar nella a forma de governo representativo; governo que tanto convinha ao estado da nação cujos recursos haviam até aquelle tempo sido inteiramente perdidos.

Nesta obra singular de um rei a quem os povos nada pedem; e que espontaneamente acode ás suas necessidades, saindo ao encontro dellas para remedia-las generoso não só se descobre a sincera aversão que S. M. I. tem á forma de governo absoluto, que aborreceu desde a sua mais tenra infancia,

mas taobem o respeito e veneração com que verdadeiramente olhou a vontade de seu Augusto Páe. O Imperador sabia com toda a Certeza que o Senhor D. João Sexto quizera dar uma constituição aos Portuguezes; que neste empenho havia sido contrariado por alguns governos, sem comtudo ter desistido da esperança de vencer esta difficuldade; e que ao tempo da sua sentida morte estava o venerando Monarcha talvez mais do que nunca occupado em seu benefico projecto, para realisar o qual se achavam ja completos importantissimos trabalhos. Assim pôde o Imperador satisfazer a um tempo os sentimentos de seu coração magnanimo, e cumprir o que reputava o mais importante legado de seu Augusto Progenitor.

V.

Desde a jornada de S. M. I. ao Sul, até á volta do marquez de Barbacena da Europa, mallograda a sua commissão de concluir o casamento do Imperador.

A guerra com a Republica de Buenos Ayres tornava-se eterna. Ainda nenhuma contenda

entre dois povos foi mais destituida de resultados provaveis do que esta. Parece que o unico objecto das partes belligerantes era a destruição: nenhum outro podia antolhar-se rasoavelmente nem a Brasileiros, nem a seus adversarios. As negociações para assentar a paz entre as duas nações falhavam sempre; e as operações das tropas na verdade pareciam dirigidas para nada se concluir. As despesas cresciam; os povos queixavam-se, e com rasão; e S. M. vendo quanto tempo até então se havia perdido, determinou ir ver por seus proprios olhos o theatro da guerra, a fim de tentar alguma empresa de maior consideração, que fizesse pôr termo á calamidade, ajustadas as differenças entre ambos os governos.

Firme nesta resolução, partiu S. M. nos fins do anno de 1826 para o Rio Grande: toda a nação concebeu vivas esperanças desta expedicção, que se reconhecia emprendida pelo Imperador unicamente com o fim de acabar por uma vez o flagelo da guerra, que tanto affligia o Brasil.

Coube-me a honra de acompanhar meu Augusto Amo nesta saida; e o desgosto de presenciar a dor que S. M. sentiu pela morte da Imperatriz.

Chegados que fomos á villa do Rio Grande

do Sul, tratou S. Magestade de informar-se cabalmente da disposição dos exercitos inimigo e nosso. O primeiro havia feito alguns movimentos, que tornavam necessarias certas medidas que o Imperador se achava occupado em determinar, quando recebeu a infausta nova do successo a que alludi a cima. Este acontecimento, alem de causar a S. M. profunda magoa, que elle a seu despeito não pôde encubrir, transtornou inteiramente o plano que se propuzera. Por todos os homens que formavam a sua comitiva foi assentado que era impossivel a S. M. deixar de apparecer quanto antes no Rio de Janeiro; e os despachos que se receberam da côrte indicavam a mesma necessidade. Novas ordens pois foram dadas a respeito da campanha, que tanto o Imperador desejava dirigir com o unico fim de acaba-la promptamente.

Voltou pois ao Rio de Janeiro, aonde chegámos em Janeiro de 1827. Fatal foi a sua volta comtudo ao exercito brasileiro, que tão esperançado estivera de ser commandado por S. Magestade em Pessoa. O marquez de Barbacena, seu general, havendo cançado as nossas tropas com movimentos sem combinação, nem a menor intelligencia, esperou os inimigos em um posto desvantajoso, e perdeu ver-

gonhosamente um combate em que a impericia disputou com a covardia do general. Pareceu que o Imperador tinha previsto este funesto successo: durante muitos dias depois daquelle em que resolveu a sua volta do Rio Grande á capital, fallou S. M. sobre os seus receios do resultado de um encontro das nossas forças com as de Buenos Ayres: deste modo bem se vê que não recebeu sobresalto com a nova da perda da acção, de que sem duvida alguma não foram culpadas as tropas Brasileiras, que sempre mostraram valor e disciplina, mas sim a purissima incapacidade do cabo que as commandava.

Foi o marquez de Barbacena chamado á côrte. Ninguem havia então que deixasse de esperar o retiro do guerreiro, a quem faltavam todas as partes que constituem o capitão, e o homem de estado: se é que não deve contarse como qualidade vantajosa nestes uma profunda dobrez, singular demonstração de respeito ao imperante, e a arte seductora de parecer amigo, e de merecer-lhe o nome.

Estas prendas conciliaram ao marquez a benevolencia do Imperador, que julgou poder considerar a capacidade do mesmo marquez propria simplemente para tratar negocios politicos. A este respeito muita gente era da

opinião de S. Magestade: o qual, parte pelo motivo allegado, parte por compaixão, e taobem por comprazer com o barão Mareshal, que no general infeliz tinha grande confiança, veio a encarregar o homem, por tantos titulos recommendado de uma missão á Europa.

Antes de passar adiante parece-me dever protestar desde ja que nunca tive pessoal indisposição com o marquez de Barbacena, e que nunca fiz ou disse cousa que pudesse dar suspeita de desaffeição minha á sua pessoa. Por este motivo o convido, ou antes o desafio, a que apresente um facto, pelo qual se veja que mereci os procedimentos que teve commigo desde que pôde entrar no ministerio do Brasil. Estes procedimentos, de que me queixo, nunca os pude, em verdade, esperar de tal homem, o qual ao mesmo o tempo que nesta capital me representava como causador de quantos contratempos experimentava, ou fingia experimentar em suas negociações, se correspondia commigo do modo que logo se verá.

Foi pois o marquez escolhido para vir á Europa, encarregado de duas commissões: uma a de contractar um casamento para o Imperador, o que se tinha julgado necessario, attendendo ás circunstancias do Imperio: e a outra era a de entabolar alguma negociação

util sobre o negocio de Portugal, vista a resistencia, que o senhor infante D. Miguel fizera á ordem de seu Augusto Irmão de passar ao Rio de Janeiro. Em uma e outra se houve o negociador miseravelmente; mas do mallogro da segunda, que elle perdeu por sua incapacidade, tornou a culpa a todas as pessoas, que julgou não poderiam nunca, ou ao menos durante muitos annos, encontrar-se com elle.

Saíu pois o destruidor do exercito do Sul com as duas sobreditas missões, ás quáes sabia mais que ninguem dar toda a exterior importancia. E como as desempenhou? Pouco tempo depois de chegar, escreveu a S. M. dando por concluido o casamento do mesmo Senhor na côrte de Baviera, não fazendo a menor menção de difficuldades, que era de esperar occorressem em similhante transação. Os homens que havia no Brasil intendedores de negociações desta natureza, pasmavam da subtileza do negociador Baiano, e o reputavam o *non plus ultra* da diplomacia: outros de menos saber, e menos experiencia, tinham o homem por um consumado impostor; e esperavam que elle nada fizesse de proveito.—Não direi hoje, que escrevo depois do facto, de que opinião eu era então. E como esta,

nunca foi ennunciada a mais que a uma pessoa, está intendido que, sem receio de ser contradicto, poderia eu agora cair no mesmo defeito de que accuso o marquez de Barbacena; isto é, de adjudicar-se liberalmente o merito de quáesquer opiniões ou feitos cujo resultado seja feliz.

Cousa com tudo mui singular foi a subita transição que o marquez de Barbacena fez do casamento na côrte de Baviera para outro na de Sardenha, o qual do mesmo modo deu por concluido: e tão concluido que, manifestando não ter cousa que sobre este assumpto lhe desse cuidado mais do que o rigor dos formularios, entreteve-se fazendo delles extensissimo capitulo; formando modelos sobre os quáes requeria grandissima attenção; e mostrando que a demora entre a ida e volta destes modelos era a unica de que lhe seria impossivel abbreviar o praso. Em quanto ao mais, *tudo estava feito!*

E comtudo o negociador com precipitação *indiplomatica* reputára principio e fim do negocio os primeiros cumprimentos e demonstrações de grande prazer, que são usados em similhantes casos na primeira conferencia—Nas seguintes é que os obstaculos vão nascendo uns após outros: a habilidade consiste em os

ter antes prevenido de modo, que possam resolver-se as dúvidas instantaneamente, ou no menor praso possivel. Não succedeu assim ao marquez. Não intendeu em que consistia a difficuldade, que depois appareceu da parte da côrte de Sardenha: participou que vencêra todos os obstaculos, não havendo, como fica dito, atinado com o motivo delles; motivo que induzia o governo do Piemonte a procrastinar a negociação. Dando as suas infundadas conjecturas como a verdadeira causa da tardança, apontou o regimen constitucional do Brasil como o maior obstaculo á conclusão do negocio; porem longe de mostrar que recuava á vista delle, modestamente o figurou superado por obra da sua rara subtileza, e profundo talento politico. Mas como não houvesse olhos que vissem o termo tantas vezes annunciado desta commissão desgraçada, appareceu ainda outro obstaculo: *a velhice de S. M. o Imperador de Austria!* Por esta invenção é que ninguem esperava; e depois de declarada, ainda ninguem soube intender como na cabeça do marquez se pudesse combinar o influxo que tinham os muitos annos de S. M. I. e R. Ap. na demora de um casamento na côrte de Sardenha, entre uma princeza desta familia, e o Imperador do Brasil. O marquez pois rece-

beu docilmente a venda que os ministros de Baviera e Sardenha lhe puzeram nos olhos: não teve penetração bastante para descubrir a causa porque em ambas as côrtes se temporisou sobe o casamento de uma de suas princezas com o Imperador do Brasil; com um neto de Affonso Henriques; com o chefe da nobilissima casa de Bragança! E depois de haver perdido tempo, durante o qual representou o papel mais infeliz que nunca negociador algum havia representado, se fez na volta do Brasil.

O que deixo dito pertence ao effeito da primeira commissão. Em quanto á segunda, isto é, pelo que respeita ao assumpto do infante D. Miguel, que, segundo fica dito, havia recusado passar ao Rio de Janeiro, como fôra disposto por S. M. I. pode-se affoitamente dizer que a imprudencia e a inepcia do negociador se manifestou nesta bem como na antecedente negociação. Em suas primeiras participações se comprouve o marquez de representar o mesmo principe com subdito obedientissimo, incapaz de faltar ao minimo dos preceitos que recebesse de seu augusto Irmão; e sobre tudo mui longe, inteiramente estranho a quaesquer manobras dos inimigos do novo regimen Portuguez. Em outras cartas, esquecido dos elogios de que havia sido nesciamente libe-

ral, accusava o diplomata a *escandalosa* demora do mesmo Infante, e o despreso com que tratára, sem consideração nem estima por si proprio, os soberanos preceitos de seu augusto Irmão, e seu Rei. Aqui muito mais poderia eu accresentar: fôra-me sem duvida facil mostrar quão grande havia sido a culpa do marquez nos successos que depois occorreram; e que jamais teriam occorrido, se elle, ou se não mostrasse tão ignorante, ou, presumindo menos de si, e menos ambicioso, seguíra os conselhos de quem melhor intendia os negocios, e tinha o maior interesse em que se concluissem felizmente. Esta conclusão se effeituaria affiançando as potencias alliadas explicitamente a obediencia de S. A. o infante D. Miguel, ás ordens de seu augusto Irmão, e sobre tudo, a sagrada manutenção das instituições outorgadas na Carta. Mas este assumpto levar-me hia a um extenso e desagradavel episodio, o qual daria aos meus inimigos bello motivo de accusar-me de tomar demasiado interesse em os negocios de Portugal. Passo pois em silencio tudo o mais que pertence á negociação sobre este reino, que ao negociador Barbacena deve, segundo eu intendo, boa parte das desventuras de que está sendo victima.

Havendo dado, do modo que deixo dito, cumprimento ás suas instrucções, tratou o marquez de retirar-se para o Rio. Entre tanto não havia elle perdido um só momento de tornar-me favoravel á sua pessoa; e para conseguir isto, não poupou obsequios, finezas, demonstrações de affecto excessivas, e até improprias. Direi que me não deixei illudir? Quem me acreditaria? E como fôra possivel que, havendo eu até agora seguido escrupulosamente a verdade em quanto hei narrado, caisse em faltar a ella por um falso pejo de confessar que errei, que fui illudido pelo marquez? Sim fui completamente illudido em quanto á sua fidelidade, e supposto zelo pelo serviço do Imperador; mas não por certo em quanto aos seus talentos diplomaticos. Sempre que a occasião se offerecia de eu poder, na presença de meu augusto Amo, dar opinião sobre o marquez, a dei tal qual a tinha; a mesma que fica exposta; por quanto, não só eu, porem muita gente habil esteve durante largo tempo na firme persuasão de que o marquez de Barbacena era um dos Brasileiros mais dignos da confiança e da benevolencia de sua Magestade.

O marquez, que tinha grandissimo cuidado de dar de si a mais vantajosa idea ao Imperador,

e ao governo do Brasil, contraíu o habito de conceder em seus officios largo espaço á politica dos governos da Europa, da qual elle realmente possuia exactamente as noções dos jornalistas, se tanto. Mas habil em engrandecer pomposos nadas, e em dar valia a suppostas revelações extorquidas por sua aptidão, improvisava systemas e planos, com tal seriedade, que até elle proprio talvez se persuadisse que não eram novellas, mas verdadeira historia quanto sua fecunda imaginação produzia. Quem ler as paginas da correspondencia do marquez de Barbacena; e meditar na facilidade com que elle dá conta da politica de cada uma das nações europeas, maravilhar-se ha do juizo que o author devia fazer de seus leitores.

Nem a sua volta ao Rio de Janeiro foi na qualidade diplomata escarnecido e logrado, como fôra na de general poltrão que regresára do Rio Grande: fertil em recursos, e em artes de engano, o marquez tomou por motivo da sua volta o propor a S. M. I. melhor e mais digno consorcio que os dois não concluidos. Chegou, e poz em pratica o seu plano; e tanto disse a S. M., tanto soube insinuar o seu zelo, e lealdade, tamanho representou o pessoal affecto que a seu augusto Amo consagrava,

o

que S. M. I. antes indisposto pelo mallogro de quantas commissões se entregavam ao marquez de Barbacena, (como eu mesmo a este havia participado) veio a mover-se a seu favor, a esquecer a indisposição, e por fim a confiar nelle ainda. Os principes, por maiores que sejam os seus talentos, se possuem coração generoso e nobre, estão em continuado risco de cair nas garras de homens de caracter dobre, e atraiçoado como o de que estou tratando. Pouca gente se persuade que entre a astuciosa malicia e a verdadeira intelligencia ha grandissima differença; e que de ordinario, um ignorante manhoso, triumpha da sincera confiança do homem habil, e até do verdadeiro sabio.

VI.

Desde a vinda de S. M. a Rainha de Portugal á Europa, até ao seu regresso ao Rio de Janeiro em companhia de S. M. I., a Senhora Imperatriz do Brasil.

Havendo sido determinado que S. A. o infante D. Miguel assumisse a regencia de Portugal, em o que os governos das potencias

alliadas tiveram toda a influencia, (e de cujo acto faziam depender o termo das inquietações civis que havia no reino,) as côrtes de Inglaterra e de Austria procuraram apressar a partida de S. M. a Rainha de Portugal da côrte do Rio de Janeiro para a de Vienna, aonde deveria completar a sua educação, até chegar á maioridade. Este passo era o ultimo complemento da separação do Brasil de Portugal: em quanto elle se não desse, parecia que os soberanos da Europa temiam esta encarecida união, como se ella fosse a causa de uma guerra, e uma sablevação geral. Nada agora direi dos verdadeiros motivos de tão repetidas instancias: nem pertence ao meu assumpto o explicar quáes fossem as verdadeiras causas do empenho que houve em retirar a joven Rainha dos braços de seu carinhoso Páe. Este consentiu em fazer tamanho sacrificio por intender que, sendo a Rainha entregue á protecção de seu augusto Avô, S. A. o infante não ousaria executar plano algum de usurpação por temer irritar contra si os soberanos alliados, que haviam reconhecido a princeza como Rainha reinante de Portugal—Tal ao menos foi o pretexto allegado: S. M. I. cedeu ao que julgou verdadeiro e justo motivo; e consentiu em dizer para sempre adeus a sua augusta Filha.

Ja fica dito que o ministro d'Austria recommendára o marquez de Barbacena para vir á Europa encarregado das duas missões de que acima fallei. O mesmo protector lhe valeu depois para ser entreque ao seu cuidado a Rainha de Portugal. Elle, alem desta, trouxe nova commissão para outro casamento de S. M. I. a quem tinha conseguido abrandar em sua indisposição; e por isso não lhe foi difficil ser nomeado a aprazimento do Imperador.

Partiu pois a Rainha em Julho de 1828 em direitura para Vienna d'Austria. São notorias as causas que fizeram dar-lhe differente destino, e que a trouxeram á côrte de Inglaterra. Na verdade todos os trabalhos que tiveram logar antes da partida de S. M. eu os fiz; pois que eram assumpto pessoal de meu augusto Amo, e não do governo do Brasil; é taobem mui certo, e mui exacto, que o proprio marquez de Barbacena, havendo sido testimunha do ardentissimo interesse com que eu tratára da causa da Rainha, na parte que me tocou, ainda depois de estar na Europa me escreveu repetidas vezes, procurando (como se isso fosse necessario) dispertar esse mesmo interesse, que a ausencia pudéra, no conceito delle, haver entibiado. Em carta que me dirigiu data-

da de 9 de Outubro do citado anno de 1828 declarou o marquez que em mim tinha a maior confiança sobre o exito da causa da mesma augusta Senhora; e esperava que eu conseguisse que a diplomacia não triumphasse da boa fé de S. M. I. Em quanto assim me escrevia, em quanto instava para que eu tomasse a peito a negocio da Rainha Fidelissima, declarando quanto esperava de meus esforços, dizia publicamente nesta cidade de Londres, e todos os dias, que os embaraços que se experimentavam eram unicamente obra minha. Eu fui em tempo competente avisado deste estranho comportamento; mas não dei credito ao aviso; e tarde vim a desenganar-me cabalmente da traição de que fôra victima.

Eu soube que esse homem com abominavel facilidade me representava um intrigante inquieto, que procurava illudir a generosa boa fé de S. M. I. sobre todos os negocios, mas principalmente sobre os de Portugal, aquelles em cujo bom resultado eu tinha o maior empenho: e esse mesmo homem me escrevia em o 1°. de Janeiro de 1829 do modo seguinte.—

" Em fim meu amigo, peço a V. S. por-
" quanto ha de mais sagrado, e pelo amor
" que tem a nosso augusto Amo, que lêa com
" meditação a minha carta para elle de 31 de

" Dezembro; e se Calmon continúa a gosar
" da Imperial confiança, como supponho e
" desejo, faça V. S[a]. com que elle taobem a
" lêa. Sua Magestade não pode ter o sangue
" frio necessario para discorrer e decidir nesta
" materia: a nós seus fieis subditos compete
" dizer-lhe e fazer ver a verdade pura, apon-
" tando a marcha que lhe é dictada pela honra
" e dignidade de sua pessoa, bem cômo da
" nação brasileira."

—E em 19 de fevereiro do mesmo anno—

" Agradeço a V. S[a]. quanto me diz da sua
" parte, e por ordem de nosso augusto Amo;
" naquelle reconheço o meu amigo; *nesta o fiel*
" *servidor do Imperador*. Que seria de mim
" em tão difficil situação sem a corresponden-
" cia e exactidão de V. S[a]. O bom ministro
" dos negocios estrangeiros* nem palavra me
" disse: não se dignou mesmo accusar a re-
" cepção dos meus officios. *Não consinta*
" *V. S[a]. tal machiavelico systema, que tende a*
" *comprometter o Imperador a V. S[a]. e a mim.*

Depois de vãas tentativas para a restituição da Rainha de Portugal ao seu throno, o mallogro das quáes eu por certo jamais attribui

---

* O marquez de Aracaty.

ao marquez de Barbacena; porque estou seguro que mais habeis mãos entraram nesta materia infelizmente, por ser o systema do ministerio britanico dessa epocha inteiramente opposto ás justas pretenções do augusto Páe da joven Soberana: depois dessas tentativas, digo, enunciou o marquez a sua opinião, a qual era de que S. M. F. voltasse ao Brasil. Elle foi quem mais instou por esta determinação, que os homens d'estado Portuguezes, interessados na causa de S. M. F. olharam sempre como uma calamidade. Elle affectava na presença delles o mesmo pensar; e attribuia a ordem da retirada da Senhora Dona Maria Segunda, ao meu maligno influxo.

Eisaqui, não obstante, como o marquez enunciava a sua opinião sobre esta retirada em carta de 15 de Março do citado anno de 1829.

" Cada vez sou mais firme nesta opinião a
" da volta da Rainha para o Rio, e com o V. Sª.
" hade ver o que escrevo a nosso Amo, escu-
" sado é repeti-lo. Apoye com toda a força a
" dita minha opinião, se, como creio, merecer
" a sua approvação.

Esta opinião, como se vê da passagem que deixo copiada, era do marquez de Barbacena, que tendo a mira em alguma cousa mais util do que demorar-se com a Rainha de Portugal

em Inglaterra; e esperando a conclusão do casamento de S. M. I. serviço que desejava fazer recair sobre si, não escrupulisava de sacrificar a causa da mesma Senhora á sua particular ambição. Alem disso bem via elle que, em parte, o seu proceder diplomatico não podia deixar mais dia menos dia de indispor S. M. I. porquanto é bem certo que o marquez, fosse o motivo qual fosse, saiu fóra das instrucções que havia recebido, e comprometteu o Imperador. O ministro dos negocios estrangeiros estava descontente de tal negociação: não direi até que ponto era justo este descontentamento; porem o certo é que o marquez temeroso do resultado da indisposição parecia descançar somente nos meus bons officios.

A este respeito póde ver-se a seguinte passagem de uma carta do mesmo marquez, escrita em 14 de Abril de 1829.

" De muito tempo previa eu as accusações
" que Aracaty faria a V. S^a^. e a quem com V. S^a^.
" se corresponde. Como porem sabe elle que
" eu mando os officios a sello volante? Não
" terá mais essa queixa, que intendo ser justa;
" e V. S^a^. receberá com esta uma copia para
" sua intelligencia. Tenho respondido; e só
" tenho acrescentar alguma cousa sobre os
" negocios particulares e privativos da pessoa

" de nosso augusto amo; mas como este não
" tem segredos com V. S^{a}. e lhe entrega as
" minhas cartas, escusado é repetir o mesmo."

E em 28 de abril do dito anno.—

" O ministro dos negocios estrangeiros não
" deu a reprehensão que pertendia, mas cor-
" tou a communicação commigo. Ouço que
" a principal queixa é mandar eu os officios a
" sello volante, e entreter correspondencia
" com S. M. por intermedio de V. S^{a}. Não
" pode haver queixas menos fundadas—a pri-
" meira devo suppor falsa; porque ainda
" quando os meus officios fossem a sello vo-
" lante, V. S^{a}. teria cuidado de os fechar; e
" se acaso S. M. os lê, e dá abertos, não é
" minha a culpa. *A correspondencia parti-*
" *cular e directa com o Soberano não é da re-*
" *partição do ministro, mas do secretario do*
" *gabinete.*

" Que seria de mim sem a correspondencia
" de V. S^{a}? Estaria sempre ás cegas.

" De intimidades com os ministros estran-
" geiros não resulta nem honra nem proveito
" a nosso augusto Amo; e V. S^{a}. como fiel
" criado, aproveitando toda a occasião oppor-
" tuna, faça sentir estas verdades.

—E em 12 de Junho do mesmo anno.—

" Que seria de mim sem a sua correspon-

" dencia? Estaria em um labyrinto sem fio,
" ignorando absolutamente as opiniões e von-
" tades de S. M.

" Que bello papel tem feito para commigo
" o ministro dos negocios estrangeiros? Nes-
" tes governos da Europa velha e corrompida
" (segundo Vasconcellos) os ministros são
" do rei, e não das assembleas, parlamento,
" ou camaras: no Brasil formoso, vasto, e
" rico, parece que a maior parte é da camara
" dos deputados—Minha popularidade—*scili-*
" *cet*—fazer a côrte aos democratas—A lei da
" responsabilidade—*scilicet*—perfeito egoismo
" —E' tudo: a conservação das prerogativas
" da corôa, a honra e a dignidade do Soberano,
" é nada. Assim o intende o senhor Aracati;
" e S. M. I. está, ou pelo menos estava quan-
" do eu embarquei, mui satisfeito com elle."

Das passagens que ficam trasladadas poderão alguns leitores deste escrito, a quem ha sido patente a linguagem offensiva e injusta de que usava a meu respeito, em quanto se demorou em Londres, o marquez de Barbacena, conhecer qual seja a honra e a franqueza do seu caracter. No tempo em que elle procurava retirar a Rainha desta capital e reino, e restitui-la de novo ao Brasil, fazia diligencias por minorar o desmaio em que ficavam

os illustres, e infelices emigrados Portuguezes, dando-lhes a esperança de, chegando ao Rio, ser primeiro ministro; mandar pagar os sommas devidas pelo tratado de agosto de 1825; e habilita-los para derribar o usurpador. Mas quando me escrevia, fazia-o desta maneira.—

—Em o 1°. de Julho de 1829.—

" Não é provavel; mas admittindo em forma
" de argumento que S. M. esteja contra mim,
" como diz Aberdeen, uma tal indisposição
" hade ser contra os erros do meu fraco in-
" tendimento, e não contra a minha fideli-
" dade e devoção por sua augusta e sagrada
" pessoa."

—E em carta de 12 de gosto do mesmo anno.—

" Eu vejo mui proximo o meu embarque;
" e uma vez entregue a S. M. o sagrado de-
" posito, que me está confiado, da Rainha
" Fidelissima, e da Imperatriz do Brasil, direi
" eterno adeus á vida publica."

—Era 19 do dito mez.—

" Sinto mui gravemente que S. M. não es-
" teja contente com o meu serviço; e como
" pretendo, chegando ao Rio, dizer eterno
" adeus á vida publica, outros me substituirão
" com mais fortuna: a maior que presente-

" mente desejo é o retiro; e eu o tomarei por
" minhas mãos."

E para de uma vez com pôr termo ás citações da correspondencia fraudulenta do marquez de Barbacena, copiarei em ultimo logar a passagem da carta que elle me escreveu em 3 de outubro de 1829 do mar, não longe do Equador.—

" Recebi as cartas que V. S^a. me escreveu
" em Junho, ja bem differentes em tamanho e
" estillo das que foram escritas nos tormen-
" tosos Abril e Maio. Deixo para a vista o
" meu desabafo e agradecimentos. Creio sem
" dúvida que ainda tenho a benevolencia do
" Imperador; mas perdi a sua confiança em
" negocios. *Se V. S^a. ainda a conserva, como*
" *eu supponho, e muito desejo, queira contribuir*
" *para evitar qualquer impressão desagradavel,*
" *ou funesta na occasião do desembarque.*"

Das passagens que ficam transcritas assás se demonstra o caracter desse homem, que mostrando-se sempre differente aos individuos de differentes ideas, sentimentos, e condições, procurava dar-se por valído aos emigrados Portuguezes em Londres, figurando-lhes um ditoso futuro logo depois da sua chegada ao Brasil; e a mim expunha achar-se em grande

receio de uma demonstração de desagrado da parte do Imperador, que na occasião do desembarque podia ser funesta; quero dizer— podia fazer com que o despeitoso marquez atirasse comsigo ao mar na presença dos augustos noivos!

Como eu sabia que o marquez de Barbacena havia dado ao Imperador mais de um motivo de desgosto, não reputei falazes as suas expressões; e por isso fiz o que me foi possivel para evitar-lhe qualquer dissabor. Bem longe estava eu então de suppor que elle promettêra a muitas pessoas uteis serviços quando fosse primeiro ministro, o que succederia logo que puzesse os pés no Rio de Janeiro.

Chegou finalmente, e foi bem recebido pelo Imperador. Nem contribuiu pouco para diminuir-lhe a indisposição o inexplicavel prazer que S. M. sentiu vendo as suas augustas Esposa e Filha. O marquez fez a entrega destes dois caros objectos a S. M. I.; mas em logar de retirar-se da vida publica, è partir para a solidão com que fingia sonhar antes, houve-se como agora se verá.

VII.

Desde a entrada do marquez de Barbacena no ministerio, até á minha retirada do Rio de Janeiro para a Europa.

Em quanto a côrte do Rio de Janeiro se entretinha com as festas do casamento do Imperador, o marquez de Barbacena procurava dar execução ao plano que traçára durante o tempo que estivéra na Europa, de mãos dadas com os viscondes de *Pedra Branca*, e de *Itabayana*, sendo taobem parte o ministro *Calmon*. Para isto se viu elle com os homens, que em seu manifesto chama *decididos amigos do Brasil*, a fim de formarem uma administração *exclusivamente brasileira*. Esta administração devia ser em tudo hostil, não só aos Portuguezes, mas aos Brasileiros nascidos na Europa, os quáes era força lançar fóra dos empregos que occupassem, e privar de todo o influxo e ingerencia, que pudessem ter.

Firme neste plano, e levando por diante a fingida da necessidade de retiro dos negocios publicos, aproveitou-se o marquez, por conselho de seus socios, da desintelligencia que existia entre o ministerio e a camara dos de-

putados, para representar ao Imperador que era necessaria uma administração mais popular do que a actual; e que tivesse nas camaras um partido para lhe apoyar as medidas e proposições, que lá enviasse: d'outra sorte seria eterna a guerra entre o ministerio e o corpo legislativo; isto é, entre o governo e a nação. Em quanto expunha a S. M. a urgencia de uma medida, que preenchesse este justissimo fim; e se apresentava como o homem capaz de servir de nexo entre a administração e o partido popular, ou brasileiro, dizia que os seus achaques o obrigavam a sair para um retiro saudavel, aonde o descanço e rigoroso tratamento concorressem para restabelecer-lhe a saude.

A um mesmo tempo soaram de toda a parte muitas vozes sobre o bom resultado que teria a creação de um ministerio Barbacena. Delle se fazia dependente a paz e a fortuna do Imperio, o melhoramento de sua fazenda, e a restituição do credito publico: e até os interessados na causa da Rainha de Portugal se juntavam aos panegiristas do marquez de Barbacena, crendo pendentes das suas mãos os destinos da patria.

A conjuração teve feliz resultado. Tanto o Imperador, como muitos dos que desejavam

que S. M. conseguisse por uma nomeação de ministerio levar adiante as providencias de que o Brasil carecia, convieram em que era chegado o momento de satisfazer os irritadissimos, e incontentaveis membros da opposição; a esses até ali ninguem pudera convencer de que da assemblea unicamente provinha o não se remediarem os males publicos, tanto quanto era possivel; O marquez de Barbacena fazendo crer, assim por seus ditos mysteriosos, como pelos mais explicitos dos homens da sua facção, que todos os acalorados patriotas estavam da sua parte, conseguiu ser nomeado para o ministerio da fazenda, podendo escolher uma administração. O Imperador sacrificou sua pessoal indisposição, suas affeições, seus proprios juizos, e opiniões ao que se figurou opinião publica, e á pronosticada felicidade do imperio do Brasil: mas as illusões dissiparam-se em breve.

Do ministerio passado ficou somente Calmon, que sempre fôra do plano secreto, como ja se disse. E logo que a nova administração foi nomeada, começou a trabalhar em conformidade do mesmo plano, ainda que não inteiramente sem rebuço; porque o caracter do marquez de Barbacena é o de conservar a

mascara da hypocrisia ainda depois de passado o tempo de ser necessario usar della.

Os primeiros ataques do novo primeiro ministro dirigiram-se ao gabinete imperial: não, ja se intende e fica demonstrado, que delle resultasse inconveniente algum ao andamento do governo; mas sim porque eu era aquelle que S. M. I. tinha honrado com a sua confiança, como secretario do dito gabinete. Começou pois o marquez a dizer em meias palavras que nenhuns negocios pertencentes ao Imperador se deviam tratar fóra do ministerio, para evitar a desconfiança, que podia causar o gabinete de ser um segundo governo, uma *camarilha* influente nas dicisões do mesmo ministerio. Este homem que assim fallava como ministro, escrevia em quanto agente de S. M. I. deste modo.

" As ordens para a legação Brasileira entre-
" gar annualmente as quantias estipuladas na
" convenção de 29 de Agosto ao legitimo re-
" presentante da Senhora Dona Maria II, são
" da competencia do secretario d'estado, e já
" foram expedidas; mas as ordens ao legitimo
" representante para o emprego daquelles
" fundos são da competencia do secretario do
" gabinete de S. M. I., visto que ao mesmo
" augusto Senhor unicamente compete, como

" tutor, a administração dos bens e rendas da
" Rainha durante a sua minoridade." (Carta de 17 de Fevereiro de 1829.)

E não só esta fôra a opinião do marquez de Barbacena em quanto aos assumptos de Portugal, e da Senhora D. Maria Segunda; mas ainda a respeito de negocios do Imperio o mesmo marquez havia considerado a agencia de um secretario de S. M. I. util e necessaria algumas vezes.

Citarei um facto—Quando o partido revolucionario do Brasil em Junho de 1828 excitára a revolta dos Irlandezes, o que deu grande cuidado ao Imperador, e chegou até a pôr a sua pessoa em algum risco, achou-se S. M. sem ministros a seu lado: diziam uns que estes senhores estavam nas suas respectivas repartições trabalhando com grande actividade; outros, que se preparavam para fugir, e que com este fim haviam mandado apromptar, e ficar ás suas ordens um barco de vapor. Fosse o motivo qual fosse, eu, que nunca me tinha afastado da presença do Imperador, nem jamais attentára se havia ou não havia perigo em acompanha-lo, confesso que não vi secretario d'estado algum. Depois de passado certo tempo, appareceu o marquez de Barbacena; e foi voto seu que eu, *em meu nome, e como secretario*

do gabinete imperial, escrevesse aos almirantes inglez e francez, pedindo-lhes que fizessem desembarcar alguma tropa, com o objecto de apaziguar o tumulto dos Irlandezes. Assim o fiz. Se isto se póde chamar indevida ingerencia em negocios do governo, foi a unica de que eu deva ser tachado; mas cumpre que o seja por qualquer homem, menos o marquez de Barbacena. Este foi não só o conselheiro de tal ingerencia, mas até do teor das cartas por mim escritas então aos sobreditos almirantes. Pode ser delicto a minha acção: não trato agora de a justificar; porem o momento era critico; ministros não appareciam; o Imperador achava-se só; a causa publica requeria pomptas medidas: e qual foi o resultado da minha criminosa ingerencia então? O pôr-se termo á desordem, durante a qual os zelosos fiscáes das faltas do Imperador, e de seus amigos e criados, estiveram talvez limpando as espadas

Que a ferrugem da paz gastadas tinha,

para sairem a campo no fim da batalha. A' vista do que deixo dito sobre a ingerencia do gabinete, e da opinião que dessa ingerencia tivera sempre o marquez de Barbacena, parece-me poder-se deduzir que este politico se

esquecêra demasiado breve de quanto havia dito e escrito repetidas vezes a tal respeito; ou que, não tendo opiniões em objecto algum mais do que as de utilidade, e proveito proprio, cura pouco de passar por homem de principios, e de caracter firme, de que por outra parte faz escandaloso alarde.

E voltando ao comportamento do marquez, e do seu ministerio, é sabido que elle pessoalmente descontentára em quasi tudo aquelles mesmos escandecidos partidistas da exclusão de Europeus, a quem havia feito promessas tão positivas como fizera aos Portuguezes, á sua saida de Londres para o Rio de Janeiro. O marquez tinha adoptado o plano de prometter a toda a gente a completa satisfação de desejos, caprichos, e até injustas e irrisorias pertenções. Este meio facilita a entrada para os altos logares, mas não ajuda os que delle se servem a conservar-se. Assim, tendo o marquez antes da sua nomeação entrado nos ajuntamentos e associações de diversas cores, de todas se mostrou extremoso admirador; e por isso cada um de per si o reputou seu apoio e esperança. Daqui nasceu a subita demonstração de opinião geral favoravel á sua administração. A unica gente a quem o candidato não cortejou ostensivamente foi a que amava a

pessoa do Imperador, e via nelle o sustentaculo da paz e da ordem; a que pretendia extinguir a infeliz rivalidade entre Europeus e Americanos, e que finalmente desejava que S. M. pudesse tomar de uma vez a resolução de fazer respeitar o seu nome na Europa, relativamente á usurpação do throno Portuguez. A estes homens pareceu despresar o marquez: não só porque assim satisfazia o partido republicano, a quem fôra unir-se, para que lhe servisse de degrau, mas taobem porque, suppondo os seus apparentes principios politicos acreditados pelo Imperador, e pelos homens fieis a S. M. estava sem receio de que algum destes desconfiasse da sua sinceridade em quanto ao systema que havia de adoptar. Deste modo fica evidente que o marquez procurava enganar ambos, ou antes todos os partidos do Brasil: ainda mais—que isto conseguiu durante alguns mezes; porem finalmente succedeu-lhe o que de ordinario succede a esta especie de obscuros discipulos da escola de Machiavel, que tomando mal as licções do grande mestre da dissimulação, cáem victimas de seus proprios enredos, e traições.

Segundo o mesmo marquez declarou em seu manifesto chamado.—*Exposição*—os homens que recorreram a elle para que salvasse a

nação *das influencias secretas* eram em seu conceito os *verdadeiros amigos do Brasil;* e o systema governativo que elles queriam ver adoptado, e a que o novo ministro annuíra, para ser ministro, era—exclusão de Europeus—administração casada com as camaras—estas em opposição ao Imperador.—O Monarcha ficaria deste modo ás ordens de tal ministerio, e privado de ouvir o minimo aviso, opinião, ou noticia de homem algum; e em fim reduzido a tal nullidade e vilipendio, que o ser imperador lhe serviria antes de castigo infamante, que de gloria—S. M. em táes termos viria a ser um simples e despresivel instrumento dos facciosos para tornar mais flagrante a vingança que elles quizessem tomar de seus adversarios. Os chefes de facção, a quem Barbacena foi visitar poucos dias depois da sua chegada, aquelles que ja de antemão se achavam preparados para o receber, tinham mais de uma vez exposto estas opiniões sem rebuço algum: estas opiniões eram todos os dias publicadas em seus jornáes: ninguem as ignorava, nem os authores dellas tal queriam; porquanto a sua publicidade, mantendo a esperança aos ambiciosos, lhes deixava contemplar um futuro agradavel, que os fazia senhores das vantagens, que actualmente

suppunham possuidas pelos homens de partido e opiniões contrarias.

Assim que o marquez conseguiu a sua nomeação e a de collegas por elle escolhidos, tratou de satisfazer ás promessas que fizera, conservando sempre a possivel dissimulação. Para isto era necessario expulsar os Europeus dos empregos: Calmon poz logo fóra dois que havia na sua secretaria d'estado enviandoos para a Europa; e elle deu principio á tentativa de affastar do lado de S. M. os homens que reconhecia por fieis amigos do mesmo Senhor, expondo com a sua fraudulenta docura quanto seria bom que o Imperador removesse os pretextos dos queixumes dos Brasileiros.—Estes pretextos, dizia o cortezão, mostravam o amor dos naturáes do Imperio a S. M.; pois lhes custava sobre tudo que o Soberano preferisse a elles os homens nascidos na Europa. Se os Brasileiros fossem attendidos em quanto a este seu queixume, acabar-se-hiam todas as desordens e descontentamentos. Aqui parece-me dever mostrar quão miseravelmente contradictorio é o marquez em seus principios e opiniões.—O homem, que tal parecer dava de viva voz ao Imperador, tinha escrito o seguinte em carta datada de 18 de Junho de 1829, que tenho em minhas mãos,

" *Poder moderador com reponsabilidade! E' fazer outra constituição.*

Só Brasileiros de nascimento para empregos! Outra constituição.

Appéllo á nação! Não se intende o que é em governo constitucional.

Este mesmo homem pouco tempo depois reputava o Poder moderador ou responsavel, ou nullo, e a pessoa do imperador tão sugeita e limitada,—tão escrava do que elle chamava opinião, que nem criados, nem amigos da sua escolha devia ter—e quando os tivesse, não lhe era licito fallar-lhes nem ouvi-los! . . . . Este homem promettêra aos furiosos a quem se tinha apresentado de barrete, de expulsar todos os Europeus de quaesquer logares, por ser indecoroso aos Brasileiros o tolerarem nelles *estrangeiros naturalisados:* o mais a que poderia estender-se a adopção dos Portuguezes— Finalmente o mesmo homem que não intendia o que era *appéllo* (nem eu) á nação em governo constitucional, pertendia que o Imperador satisfizesse á custa da sua dignidade a todos os desvarios desse partido da expulsão de Europeus, mostrando-se declarado inimigo delles, desamparando-os, o deixando-os entregues a seus inimigos: embora este proceder fosse o mais injusto, o mais iniquo.

Em fim appareceu um artigo inserto em um jornal: este artigo tratava com aspereza o partido turbulento; e attribuia a delirio o pretexto ridiculo, e vergonhoso para os mesmos que delle faziam cabedal—a recolonisação?— Que idea se pode dar do juizo e da capacidade de homens que julgavam possivel tornar o imperio do Brasil a ser colonia de Portugal? Pois os Brasileiros, que tantas vezes desafiaram, não as forças de Portugal, mas as do mundo, temeriam que, reconhecida a independencia, houvesse governo portuguez que sonhasse conquista-los? E suppondo que não era o governo do usurpador que elles temiam, porem sim um vigoroso e illustrado: podem elles suppor tão nescios os Portuguezes, que, precisando de gente para tornar florecentes as preciosas colonias que possuem, houvessem de preferir ao melhoramento destas as incertas, ou antes impossiveis conquistas no continente americano? Estou persuadido que similhante receio jamais chegou ao coração de Brasileiro algum de mediano senso. Quem pode ignorar que tudo o que convem a Portugal, assim como ao Brasil, é comerciarem com mutuo favor um e outro povo de irmãos?

O sobredito artigo foi attribuido ou a mim, ou a pessoa que o escrevêra por influxo meu.

Mal me recordo hoje do sentido do seu conteudo: o que delle posso dizer com verdade é que era indifferentissimo; e que no momento em que me disseram que fôra objecto de uma sessão de conselho d'estado, não pude conter o riso, a que succedeu um sentimento de compaixão que me foi impossivel occultar.

Comtudo, tomado o pretexto, julgaram os amigos e socios do marquez de Barbacena que se não devia largar das mãos. Elle com menos calor, e como que obrigado por força da necessidade, ajudava-os em suas declamações sobre o supposto motivo, allegado pelos Brasileiros, da ingerencia dos criados de S.M.I. em negocios publicos—sobre o ciume que tal ingerencia causava—e sobre o grande jubilo que a nação receberia, se alguns destes homens se separassem, ainda que temporariamente, do lado do Imperador.

Confesso que não julguei o marquez de Barbacena o motor desta vergonhosa intriga, tão injusta como tenaz: cri que elle proprio se havia opposto á pertenção; que tinha sido de voto contrario aos meus inimigos, e que fizera de balde quanto pudera para evitar um desgosto a S. M. I. e uma iniqua violencia contra mim. Esta persuasão concorreu muito para que eu me resolvesse a tomar um partido de-

cisivo por ver e conhecer que os principáes tiros a mim se dirigiam.

Deliberei-me pois a sair do Brasil; a abandonar a minha familia, e amigos . . . e ausentar-me da presença de meu agusto Amo. S. M. que taobem como eu conhecia quão iniquas eram as accusações de meus adversarios, havia resistido com inabalavel firmeza ás representações dos hypocritas, que lhe expunham a necessidade de lançar-se nos braços *dos Brasileiros fieis.* S. M. reppelliu com indignação a idea de comprazer com os calumniadores, separando do seu lado homens falsamente arguidos de inimigos da nação e do governo constitucional; homens cujo caracter e principios S. M. conhecia, e tinha experimentado em occasiões difficeis. Porem eu que soube o que se passava, apressei-me em expor-lhe os desejos que tinha de passar á Europa; e de me demorar algum tempo a fim de tratar da minha saude.

O Imperador negava-se a despachar a minha supplica; e o marquez, conhecendo que S. M. sentia a injustiça que me era feita, e a que eu me sugeitava para poupar-lhe dissabores, creu que encubriria melhor a parte que tivera na obra da traição, propondo ao Imperador que me despachasse encarregado de Negocios em Napoles. Recebi parabens do

marquez por este despacho; mas regeitei-o, allegando que me conhecia incapaz do desempenho dos deveres proprios do cargo; e pedi licença para sair do Brasil como simples particular, o que obtive de meu augusto Amo.

Sabida a minha proxima partida do imperio, levantou o partido dos inimigos do Imperador vozes de jubilo; e a calumnia que nestas occasiões tem muito de que se nutra, inventou mil absurdos motivos desta saida. Disse-se que o ministerio havia ameaçado a S. M. de uma subversão geral, se me não expellisse do Brasil, a mim e um amigo meu em quem S. M. tinha confiança—Affirmou-se que se haviam apresentado ao Imperador papeis, que provavam meus horrorosos delictos! . . . .—Houve quem assegurasse que S. M. I. me tratára violentamente, reconhecendo que eu havia commettido o crime de enganar o meu Soberano—Ainda mais se disse: pessoáes respeitos me obrigam a occulta-lo; porem tudo, como hoje é notorio, foram invenções desse homem, que, ao mesmo momento em que procurava assassinar-me, se apresentava como meu amigo, meu advogado, imprecando contra perversos e ingratos; e apertando-me as mãos junto ao coração com affectadas lagrimas de sensibilidade!

Saí pois, abandonando o Brasil sem o minimo sentimento de desprazer, mais que o causado pela saudade da minha familia, e de meu augusto Amo, o qual não cessára um instante de dar-me provas da sua benignidade. S. M. conheceu perfeitamente que, sujeitando-me a abandonar tudo quanto me era caro no mundo, eu só tivera por objecto evitar-lhe dissabores e inquietações.

VII.

Desde a minha saída do Brasil até a demissão do marquez de Barbacena, e do seu ministerio— Conclusão.

Parti do Rio de Janeiro a 25 de Abril de 1830 juntamente com outro criado de S. M. cujos delictos eram o ser fiel ao Imperador, e conhecer perfeitamente, e publicar os artificios dos inimigos de S. M. O marquez de Barbacena soube gosar prudentemente do seu triumpho até o momento da minha saida, mostrando-me sempre o desgosto que della recebia, e o quanto avaliava o meu sacrificio á amizade do Imperador. Repito: Acreditei esse homem refolhado, e enganador: havendo

eu sempre sido fiel a tudo quanto lhe promettêra; e valendo-lhe em diversas occasiões, tanto quanto um amigo o pudera fazer ao seu mais intimo amigo, parecia-me impossivel, ou antes nunca me tinha lembrado, de que o marquez não desse um passo, não soltasse uma palavra a meu respeito que não fosse uma traição.

Quando cheguei a Inglaterra comecei a desenganar-me, obtendo provas umas após outras da illusão em que tinha vivido com Felisberto Caldeira Brant Pontes. Então vim a conhecer toda a enormidade do seu procedimento; então vi a situação em que ficára S. M. I. com tal ministro, e com um ministerio formado por elle. Uma das ditas provas foi a certeza que tive de haver sido accusado por esse mesmo homem de me ter deixado corromper pelo ministro austriaco, sacrificando á Santa Alliança a causa da Rainha de Portugal: em premio de cuja traição eu recebêra a commenda da ordem de S. Leopoldo. Na verdade recebi esta condecoração em Janeiro de 1829; e porventura a ninguem sorprendeu mais o obsequio do que a mim proprio. Eu jamais havia tido nem relações particulares com o barão Mareshal, nem outras quaesquer, de que pudesse haver nascido a mais leve des-

confiança do sacrificio referido. Posso dizer, sem faltar á verdade, e sem o menor receio de contradicção, que apenas conhecia este diplomata; que jamais, nem diante delle fallei, nem ouvi fallar uma só palavra da causa da Rainha de Portugal; na qual eu tinha tomado a parte, que deixo dito, fazendo os trabalhos que pertenciam a S. M. I. na sua qualidade de Páe e tutor: negocio separado inteiramente das attribuições do monarcha do Brasil. Se algum influxo o ministro de Austria teve, o que não posso assegurar, foi de certo com o governo: na mão deste esteve sempre retardar os progressos da dita causa, negando, ou demorando, e difficultando os meios de a fazer triumphar: estes meios eram dinheiro; dinheiro que os agentes da Rainha reclamavam do mesmo governo, e não do Imperador, na sua condição de Páe e Tutor; dinheiro que o Brasil se obrigára a pagar a Portugal pelo tratado de 29 de Agosto de 1825, e que sob pretexto da usurpação, o Brasil não pagava aos ditos agentes da Rainha. Na mão pois do governo estava a chave dos destinos de Portugal: a que proposito pois trataria o barão de Mareshal de corromper a minha fidelidade, quando ella nada podia fazer que fosse favoravel á causa S. M. F. achando-se esta dependente das de-

liberações do ministerio inimigo della, e que podia fazer-lhe o maior damno? Seria o agente austriaco tão nescio, que se expusesse sem necessidade a ser descuberto, perdendo por indiscripção tudo quanto ja tivesse ganho?

O facto da condecoração com que me honrou S. M. I. e R. A. (doc. N°. 5) não excitou no Rio de Janeiro a menor suspeita de haver sido premio de uma perfidia; pois que sendo o meu porte franco, e talvez demasiado evidente, não havia razão alguma para que motivasse desconfianças. O marquez comtudo deu como certa, como indubitavel, a venda da causa de S. M. F. por mim á Santa Alliança; e teve assim a fortuna de convencer alguma gente da necessidade que havia da sua volta ao Rio para ver se ainda era possivel salvar Portugal! . . . . Custa-me ainda hoje a crer como houvesse quem não desconfiasse da veracidade de táes asserções! Os inimigos da causa da Rainha no Brasil eram notorios. Todos elles nas camaras e no ministerio pertenciam ao partido anti-imperial e anti-europeu.—O motivo porque tal gente se empenhava na perda do throno portuguez é claro: intendia que desta perda resultava enfraquecimento ao Imperador, o qual, se visse sua augusta Filha Rainha de Portugal, poderia

contar com os recursos deste Reino: alem disto, em quanto se questionava a usurpação, sobreestava o Brasil em seus pagamentos; e se o senhor Infante D. Miguel houvesse de ficar de posse da corôa, esperava-se que algumas estipulações se fizessem sobre a satisfação da divida. A estas razões poderia eu accrescentar outras, mais ou menos indecentes, mas todas, segundo a opinião e interesses, não dos amigos fieis a S. M. I., mas sim dos seus contrarios, e declarados inimigos. Se estes nenhum mysterio faziam das suas opiniões e esforços contra Portugal, a que proposito se lembrou o marquez de Barbacena de me representar author de um crime, cujos effeitos eram inteiramente oppostos aos meus principios, aos meus interesses, e aos interesses do partido europeu, do qual por outra parte eu era reputado um dos chefes? Nestas vis contradicções cáem frequentemente homens que procuram viver da morte dos outros: detractores abominaveis, que escolhem a pessoa a quem hãode attribuir todos os defeitos, e todos os crimes; embora vão de encontro á razão e á verdade.

Outra prova de falta de são juizo no marquez de Barbacena é a persuasão em que este homem ficou de que jamais chegariam ao meu

conhecimento as indignas calumnias com que elle havia procurado, durante a sua ultima estada em Londres, tornar-me odioso aos Portuguezes fieis á Rainha: e tanto disto se persuadiu, que me escreveu mais de uma vez procurando conservar sempre a máscara da hypocrisia com que se me apresentára cuberto.

O Imperador, em cujo animo jamais entrára a minima desconfiança á cerca do meu caracter, sentimentos, e porte, continuou, apesar da distancia em que eu me achava da sua augusta Pessoa, a dar-me provas da sua benevolencia, honrando-me com o despacho de Official mor da sua imperial casa, e Dignitario da ordem do Cruzeiro. (Doc. N°. 6) O marquez em 17 de Agosto de 1829 me deu os parabens da tão assinalada distincção, que S. M. me fazia; mas pelo correio, que esta carta me trouxe, outras recebi de verdadeiros amigos, que me noticiavam as indignas e escandalosas expressões que elle soltára á cerca do mesmo despacho, accusando o Imperador de haver com elle offendido toda a nação *brasileira pura!* E para nunca perder occasião de mostrar a sua malignidade, nessa carta de parabens ousa escrever injurias e doestos contra um amigo meu, cuja fortuna corria parelhas com

a minha, e que taobem havia sido honrado pela munificencia do Soberano!

Comtudo, o varão que se apresentára em campo a fim de unir o governo com as camaras, acabar as desconfianças da nação, restabelecer o seu credito, e torna-la feliz, não tinha aptidão, e por ventura nem vontade de cumprir a promessa. O seu verdadeiro fim era occupar o primeiro logar: preenchido este, de tudo o mais se esquecia: assim aconteceu. Como os escandecidos republicanos vissem que o seu chefe se deslembrava delles, e que longe de satisfazer ao que promettêra, só tratára de não dar contas das sommas que havia despendido, e de conservar-se no logar comprazendo quanto possivel fosse com S. M. de quem dependia, começaram a separar-se do primeiro ministro, e a queixar-se de que este havia obtido quitações do Imperador sobre despesas mandadas fazer pelo governo; tendo as sommas sido extraídas da caixa de Londres, á qual a opiião era claramente opposta. O marquez teria razão na resistencia que fazia a dar estas contas ao governo, se as sommas que havia despendido com a Rainha de Portugal tivessem sido entregues a S. M. Imperial, como Páe e Tutor da mesma augusta Senhora: em tal caso o governo haveria cobrado recibos do Imperador,

que o desonerassem das sommas entregues; e o marquez só a S. M. seria obrigado a dar contas, para que o mesmo Senhor um dia pudesse demonstrar como as ditas sommas haviam sido gastas.—Porem não succedia assim: O marquez tinha recebido quantias avultadas por ordem do governo—está claro que ao mesmo governo é que devia dar contas das despesas que fizera com a Rainha de Portugal: e a S. M. I. só incumbia approvar as sobreditas despesas depois de feitas, se as não tivesse authorisado antes. Mas receber dinheiros por ordem de um secretario destado como membro da administração, e dar conta delles a S. M., como Tutor da Rainha, era uma incoherencia, e um descredito para o homem a cuja disposição esses dinheiros estiveram. Talvez que uma commissão, perante a qual as ditas contas fossem apresentadas, tivesse dúvida em approvar algumas despesas tão evidentemente impossiveis, que não podiam passar pela mais larga e elastica consciencia.

Soou unanime a voz de queixume contra a falta da apresentação das contas—O marquez, que se havia munido com dois alvarás de approvação do Imperador, tentou deslumbrar os seus adversarios; porem S. M. que sempre detestou cordealmente a falta de publicidade em

negocios de dinheiro, conhecendo que os documentos lhe haviam sido como que extorquidos para conservar em segredo uma transação, em que os praguentos do Brasil não hesitariam declara-lo complice, fez saber ao marquez a resolução em que estava de ordenar-lhe que desse *rigorosas contas*, para o que passaria durante a operação, da pasta da Fazenda para a dos Negocios estrangeiros. Esta passagem tinha por objecto evitar qualquer pretexto de queixume de ser parte e juiz o mesmo homem, no mesmo negocio.

O marquez, suppondo que S. M. queria adoptar um termo medio entre elle e seus contrarios, a fim de não perder o *grande ministro*, nem oppor-se ao que parecia (e era) opinião publica, determinou-se a obrigar o monarcha a um partido decisivo: recusou a mudança da pasta, e teve a não esperada demissão. Quando a viu arrependeu-se, e quiz ainda desviar o golpe, supplicando a S. M. que o demorasse até ao fim da discussão do orçamento. O Imperador havia tomado a sua resolução determinadamente; e o marquez saiu.

Eisaqui como o ministro demittido me contou o facto, começando a sua carta de 2 de Outubro de 1830 *por algumas reflexões sobre os acontecimentos de França!!!*

" Tive hontem o prazer de receber a carta
" com que V. E. me honrou em data de 7 de
" Agosto. *E como as más noticias chegam de-*
" *preça*, ja havia mais de oito dias que sabiamos
" do acontecimento de França. Taobem por cá
" não faltam novidades; mas felizmente de
" natureza mui differente, porque consistem
" em mera mudança de ministerio. S. M.
" deu-me antes de hontem a demissão, apesar
" de pedir-lhe que a retardasse por alguns
" dias até passar a grande lei, actualmente
" em discussão, para retirar o cobre e o papel.
" Segundo o decreto, é para se tomarem
" rigorosas contas das despesas que fiz na
" Europa, mas isto creio que tanto podia ser
" hoje como no fim do mez. Parece haver
" causa occulta; e seja ella qual for, terei
" agora tempo de cuidar da minha saude, e
" viver em honesto retiro.

Acabaram nesta carta as relações do marquez de Barbacena commigo. Ao tempo de a receber ja eu estava desenganado sobre o caracter do homem, a quem durante a minha vida havia feito todos os bons officios que demim dependeram, persuadido que obsequiava um cidadão honrado, um fiel, amigo do Monarcha de quem não cessára de receber honras e mercês. Vi depois uma Exposiçaõ

feita por elle, como em resposta a certas accusações, que segundo dizia, lhe tinham sido feitas á cerca do seu comportamento em o negocio da Rainha de Portugal. Este papel comtudo tinha um objecto menos vago que o declarado por seu author, e era o de publicar todas as particulares communicações de confidencia, que S. M. lhe tinha feito, isto a fim de torna-lo objecto de odio. Nada direi sobre essa obra de iniquidade; porque o annaliza-la me levaria mui longe do meu proposito, e porque as falsidades do marquez hão sido confutadas victoriosamente em um folheto intitulado.—A EXPOSIÇAÕ DO MARQUEZ DE BARBACENA COMMENTADA &ª.—*Por um Brasileiro nato.* A este opusculo podem recorrer os curiosos de saber quáes as manobras do marquez de Barbacena para entrar no ministerio, e conservar-se nelle á custa da propria reputação de seu augusto Soberano e bemfeitor.

Fui pois victima da minha cega confiança em um homem a cujo serviço (por intender que o merecia) me dediquei seriamente. Algumas vezes recebi respostas desabridas de meu augusto Amo em rasão de tomar a defensa de meu inimigo (e d'Elle!) com demasiado calor. Este mesmo homem sacrificou-me a outros inimigos, com quem fizera a paz para entrar

na administração; porem não sendo bastante este sacrificio para os contentar, e não podendo rapidamente fazer outros, caiu: na sua queda é natural que reconhecesse que ja eu faltava para estender-lhe um braço, debil sim, porem fiel. Muitos eram os meus inimigos, e ainda agora são muitas as accusações que me fazem; muitos os motejos com que pretendem injuriar-me; porem perdem o seu tempo em vão empenho. Apresentam, ou apresentaram elles jamais um só facto, que me deshonre? Qual ha sido este? Graças aos Ceos e á minha innocencia! nem um só. Appareceu acaso homem algum queixando-se de injustiça que recebesse por influxo de *meu odioso poder*, ou adherencia de que eu me deixasse seduzir? Não: nem um só. Quem me viu comprar bens com dinheiro alheio? Quem viver em fasto insolente? Quem negar-me a servir todos os que recorriam a mim, em tudo quanto me era possivel? Qual desgraçado pediu minha pequena, e quasi inutil protecção que a não achasse, sem lhe ser necessario recorrer a outrem mais do que a mim proprio? Ainda nenhum individuo se mostrou disto queixoso. São pois calumnias e indecencias as accusações de meus inimigos, entre os quáes comtudo, não ha um só que me tache de haver faltado á fé ao Im-

perador meu Amo! Que mais posso eu desejar? Retirado do Brasil por obra dos inimigos de S. M. I., daquelles que o querem ver privado de seus mais fieis servidores para a salvo levarem ao fim os iniquos planos que preparam, nem por isso sou menos honrado e favorecido pelo Monarcha, de cujo lado me fizeram separar: prova evidente de que S. M. conhece a minha innocencia em quanto aos crimes de que esses perversos me accusaram, e a minha inabalavel fidelidade, e verdadeiro affecto e gratidão á sua augusta Pessoa. Esta certeza me dá alentos para sofrer as traições de meus falsos amigos, e despresar a raiva de meus declarados inimigos.

Post scriptum.

Ja estavam na imprensa estas Memorias, que offereço á nação brasileira, quando tive noticia da abdicação de S. M. I. á corôa do Brasil. Dou graças aos Ceos, pois que em fim considero salva a preciosa vida do mesmo Senhor, a da Imperatriz sua Esposa, e a de toda a Imperial familia. Não me atreverei a ler no futuro: só peço licença para uma expressão.—Oxalá que os inimigos do Imperador se contentem com esta primeira parte do drama! Elles bem alto clamavam que a sua obra seria completa; porem é possivel que não passem adiante.

Relatarei brevissimamente este grande successo, que ha sido tratado com alguma variedade por differentes jornalistas. Creio poder affirmar que aqui será escrito com rigorosa exactidão.

A causa do odio que o partido anti-imperial do Brasil nunca cessou de manifestar ao Imperador era uma só, e a unica origem das outras todas:—o haver Sua Magestade nascido Portuguez.—Tudo quanto se disser em contrario é inexacto. Esses mesmos homens,

que pareciam dever ser superiores a prejuizos, e antipathias vulgares, quando juntos e livres de olhos europeus, designavam a Pessoa de S. M. pelas mesmas denominações ridiculas de que usa a canalha quando trata de Portuguezes. —*Pés de chumbo, marotos, marinheiros &a. &a.*

Esta causa, repito, a unica verdadeira e permanente, não devia apparecer; porquanto a sua publicidade chamaria sobre os inimigos do Imperador a indignação e o despreso de toda a gente sensata. Sendo isto certo, não o era menos a necessidade de recorrer a embustes e invenções a fim de que pudesse ser malquista a pessoa e authoridade imperial, e abominados todos os individuos, como S. M. nascidos Portuguezes, que se achavam no Brasil.

A ingratidão dos inimigos do Imperador é, segundo eu creio, a mais detestavel de que possa manchar-se povo algum. Intendo comtudo que o grande numero, o que forma o corpo material da facção, é gente illudida, ignorante em extremo, ardente, e capaz de entregar-se a excessos de demencia, uma vez arrastada por indignos seductores. Esses homens havia muito tempo que se mostravam sem máscara. O seu fim era libertar-se da authoridade imperial, que denominavam *despotismo estrangeiro.* Para darem ao povo de-

sejos de ver effeituada esta mudança, trataram de oppor-se a quaesquer melhoramentos, tornando inuteis as diligencias, os esforços de S. M. I. Os chefes deste partido estavam na camara, e a dominavam: debalde o Imperador repetiu as convocações extraordinarias; debalde expunha ao corpo legislativo os males publicos: o corpo legislativo não queria remove-los; queria prolonga-los.

O Imperador era o *cidadão* mais constitucional do Imperio: nunca violou, nem consentiu que se violasse a lei fundamental; nunca permittiu invasão de uns poderes na repartição de outros: este rigor, esta insigne virtude civica em um monarcha, apressou o fim do seu reinado.

Existiam males reáes: eis uma grande verdade. Os causadores e promotores delles, os complices nos crimes, táes como os indignos deputados, a quem o governo apprehendeu o dinheiro em cobre que levavam para contrabandear na Bahia, (facto de toda a notoriedade) attribuiam esses males ao governo, ao Imperador, e aos Europeus. As vozes dos falsarios eram mais incomparavelmente que as dos defensores do mesmo governo; e por isso tinham mais ouvintes, não contando com a credulidade que encontram sempre no Brasil accu-

ções de maleficios, quando são feitas aos Europeos.

O Imperador, as leis, o governo, foram insultados por jornalistas da facção, cujo numero de repente cresceu. Com difficuldade pôde o promotor da justiça ser convencido de que devia accusar os criminosos: fê-lo como se fosse um delles; e o jurado composto de individuos do partido e opiniões dos réos, absolveu-os com escandalo da justiça e da rasão. Desde esse momento só dois caminhos se offereciam ao Imperador: ou sair do Brasil, ou violar a constituição para salva-la.

A impunidade engrossou o numero dos culpados: dentro em pouco sairam ás ruas e ás praças.

S. M. creu que tendo por si a sua franqueza e honra, o seu conhecido amor ao Brasil e á liberdade, os beneficios feitos ao Imperio, cuja corôa acceitára das mãos de um povo, ardendo com enthusiasmo de gratidão á sua augusta pessoa; em fim, que não havendo jamais violado essa constituição, que déra ao Brasil, podia confiar-se no amor, e no senso do mesmo povo, que assás conhece os seus interesses, quando estes lhe são apresentados clara e chãamente.

Para desenganar os habitantes de Minas fez

S. M. I. uma jornada a esta Provincia, aonde foi recebido com extremo jubilo; mas durante a sua ausencia da capital deixou seus inimigos á larga para maquinarem contra elle. Ja fica dito que as injurias, as calumnias, os insultos feitos ao governo, e ao Imperador acharam impunidade nos tribunáes. Se isto succedêra estando S. M. na capital, que succederia durante a sua ausencia? Havia um defeito essencial no governo do Brasil, a meu ver; e este defeito nascia de uma virtude do Imperador. Tanto é verdadeiro o proverbio—*est modus in rebus, sunt certi denique fines &ª*. Sua M. tinha por principio que se devia attender á opinião publica; e assim procedeu sempre, mudando de ministros, e até de outros empregados subalternos, quando se persuadia que a opinião publica requeria estas mudanças. Mas quem ha formado a chamada opinião publica no Brasil? E como se ha examinado se era, a que se dizia opinião publica, verdadeira ou falsa? Como se poderia no Rio de Janeiro ajuizar da mesma opinião pelo modo com que della se ajuiza nos paizes civilisados da Europa? Deste principio derivou a immensa mudança de ministerios que houve; e deste respeito á opinião, ou ao que se reputava tal, proveio certa indifferença, ou antes despreso por um governo que

parecia estar ás ordens dos jornalistas mais abjectos; de homens turbulentos e perversos, a quem era impossivel contentar sem dar-lhes alguma cousa: e sendo elles indignos de tudo, era inevitavel o tê-los por inimigos eternamente.

Durante a digressão que S. M. I. fez á provincia de Minas, a cujos povos mostrou o fim que se propunham os authores da desordem, chegaram no Rio de Janeiro os inimigos á vista —*Brasileiros natos, e Europeus* com armas na mão. Não é minha opinião que S. M. I. faria melhor se não saisse do Rio; antes pelo contrario—S. M. sabia que um deputado partíra, para se apresentar á testa de uma insurreição que devia rebentar nesta provincia; e correu a prevenir o mal que justamente considerava mui serio. Assim é que preencheu o seu fim; mas não tendo nem ministerio, nem juizes, nem camaras, que havia de fazer? Succedia-lhe o que a Napoleão, quando trahido ou mal servido por alguns de seus generáes: vencia aonde se achava, e era vencido em todos os outros logares.

O Imperador fez-se o mais breve que pôde na volta do Rio de Janeiro, aonde todos os seus fieis subditos, gente de propriedade, (Europeus em grande parte; porque estes possuem

muitos bens no Brasil em virtude de sua industria e trabalho) o esperavam cheios de alvoroço, como aquelle que devia pôr termo aos receios, em que todos se achavam da perturbação da paz pelos malvados do partido opposto. Estes eram todos homens sem officio, ou emprego, escravos libertos, negros, mulatos; em fim gentalha para quem as revoluções não trazem probabilidade de perda.

Prepararam pois os que anhelavam pela vinda do Imperador grandes festas e luminarias para celebra-la; porem no meio de seus preparativos foram acommetidos pelos adversarios a quem repelliram denodadamente em as noutes de 12 e 13 de Março. Os jornalistas facciosos nem por isso descoraram: a impunidade havia dado brios aos amotinadores: estes venáes e sordidos escrevinhadores publicaram que os oriundos Brasileiros haviam sido offendidos pelos Portuguezes; sem embargo de que o combate se déra nas ruas aonde estes habitavam. E como táes calumnias não surtissem effeito algum, porque a verdade fôra tão notoria, que todo o rancor, e todas as imposturas dos perversos a não podiam encubrir, appareceram um senador e vinte e tres deputados, dirigindo a S. M. uma representação, em que pediam castigo exempalr aos offen-

sores da honra nacional! O Imperador julgou que satisfaria os chefes dos levantados dando lhes um ministerio tirado do proprio seio desse partido, e convocando uma assemblea extraordinaria de côrtes. O mal pareceu remediado; porem na verdade tinha recebido o maior impulso que podia imaginar-se.

Comtudo, o affecto á Pessoa do Imperador ainda era grande. No dia 25 de Março celebrou-se o anniversario do juramento da constituição com grande apparato, e pompa. O anniversario da Rainha de Portugal foi tãobem festejado a 4 de Abril; mas a este tempo estava ja inteiramente conhecido que o ministerio que o Imperador nomeára, longe de contribuir para tranquillizar os animos, apressava o momento da revolução.

Em a noute desse mesmo dia tomou S. M. I. a deliberação de demittir o dito ministerio de conjurados; e nomeou outro de homens de sãos principios, que por certo de nenhuma utilidade podiam ser nas circunstancias em que a capital se achava.

Sabida a nova mudança de ministros, os caudilhos da facção concitaram o povo, que appareceu em grande numero, e se manteve em tumulto toda a noute, e parte do seguinte dia; mas ainda não ousava romper em excessos.

Depois do meio dia a multidão se dirigiu á casa da camara, gritando que fosse demittido o novo ministerio: á noute partiu uma deputação dos amotinadores, que muitos deputados excitavam á desordem, ao palacio de S. Christovam a pedir esta demissão.

O Imperador resistiu á proposta insolente com toda a firmeza que devia esperar-se de um principe do seu elevado caracter. Respondeu que a Constituição lhe dava o direito de nomear e demittir ministros; e que jamais a plebe levantada o veria receber ministerio das suas mãos:—que elle Imperador nunca tinha violado um só artigo da Carta; e estava determinado a não consentir violação della em prejuizo dos direitos da sua Corôa.

Sabida esta resposta, os homens que haviam avançado até o ponto em que se achavam, conheceram que não podiam ja retrogadar: o perigo era eminente. Se Sua Magestade em tão criticas circunstancias apparecesse á tropa, elles se julgavam perdidos;—mas o chefe dessa tropa, o general Lima, era um dos seus. Não se haviam poupado os meios de corromper os soldados; tudo conspirava a favor dos sediciosos. Mais um passo—e este devia ser dado pelos corpos armados.

O Imperador mandou expedir ordens a al-

guns batalhões para que estivessem prestes afim de poder offerecer resistencia a quáesquer insultos dos amotinados: este foi o momento da crise. As tropas, em vez de obedecerem (isto é os seus chefes) partiram para o campo de Sant' Anna, aonde se uniram ao povo, parte do qual entrou violentamente no arsenal, e se armou de espingardas e pistolas. O batalhão do Imperador foi o unico que obedeceu á ordem, e appareceu em S. Christovam ás seis horas da tarde; porem á meia noute desertou do seu posto, e partiu para o logar aonde os demais corpos se achavam. Uma companhia, que estava de guarda ao palacio, seguiu o resto do batalhão, ficando em S. Christovam apenas alguma gente da guarda de honra, e da artilharia ligeira. Esta ultima pediu ao Imperador licença para desamparar a guarda da sua Pessoa, e ir unir-se aos sublevados: S. M. concedeu promptamente esta licença!!! Não se aproveitou della o honrado coronel Pardal, que debalde se oppuséra á fuga dos seus soldados, de quem o delirio revolucionario se havia apossado, assim como de todos os demais corpos do exercito.

A's nove horas do seguinte dia recebeu o Imperador a ultima deputação da tropa e povo amotinado. Os mensageiros pediram de novo

a deposição do ministerio: esta petição era uma ordem. S. M. mantendo inalteravel paz de espirito, respondeu-lhes com a declaração da abdicação na pessoa de seu Filho, o Senhor D. Pedro Segundo. O official chefe da deputação recebeu o decreto das mãos do Imperador. A's 7 horas da manhãa do dia 7 de Abril saiu S. M. do palacio com a Imperatriz, e a Rainha de Portugal para bordo da náu ingleza *Warspite*, donde passou depois para a Fragata *Volage*, e S. M. F. para a fragata Franceza *la Seine*. Formou-se uma regencia provisoria, composta de tres membros, a qual deve ser substituida pela que fôr legalmente nomeada na assemblea geral.

A resolução tomada pelo Imperador é a mais generosa, a mais digna de um grande Principe.—Quando S. M. entregou a sua abdicação ao mensageiro dos tumultuarios disse lhe. *Esta é a unica resposta digna de mim: abdiquei a coróa, e saio do imperio: sejam felices na sua patria.*

Se o Imperador quizesse retirar-se a Santa Cruz, e chamar junto a si os seus amigos de S. Paulo, Minas, é até do Rio de Janeiro, brevemente se veria rodeado da gente mais resoluta do Brasil. A tropa, passada a primeira illusão, voltaria ao seu dever ; e em poucos dias S. M.

poderia destruir a facção, que parecia triunfar em os dias 6 e 7 de Abril. Porem o Imperador amava sinceramente o Brasil; e era impossivel que se resolvesse a ensanguenta-lo. A posteridade lhe fará a justiça, que os ingratos hoje lhe negam.

Não devo omittir em ultimo logar que o marquez de Barbacena foi um dos chefes da mesma sedicção, que levou o Imperador ao ponto de abdicar a corôa do Brasil. Depois do que nestas Memorias deixei delle escrito não causará maravilha o seu porte. A seguinte proclamação é obra deste traidor.

PROCLAMAÇAÕ.

" *Brazileiros!!!* que *criminoza* appatia é a
" vossa?!!!! eu não vos relato as traiçoens
" passadas, praticadas por esse perfido e trai-
" dor Governo do Brasil, eu so vos fallo da
" TRAIÇAÕ presente, o Ministerio está mudado,
" um momento de izitaçam decide da vos-
" sa sorte; *união*, *valor*, *e rezistencia* a toda
" a prova. *Compatriotas ás armas* e rezis-
" tamos a essa cafilla que nos querem ex-
" cravizar. A's Armas!! A's Armas!!!..

"Eia: ao Campo da honra, que a Victoria
" nos espera rizonha.

" *Um Mineiro.*"

Assim acabou este malvado de pagar as honras e mercês que S. M. I. lhe fez sempre em premio de suas perfidias!!!

Documentos.

No. 1°.

Por decreto de sua Magestade Imperial de 22 de Janeiro de 1826.

Sua Magestade o Imperador, tomando em consideração os muitos e louvaveis serviços praticados por Francisco Gomes da Silva, Official maior graduado da Secretaria d'Estado dos negocios do Imperio, em que lhe tem mostrado constante fidelidade, e amor á sua Augusta Pessoa: Ha por bem fazer-lhe mercê de o nomear Commendador da ordem de Christo, e conceder-lhe a faculdade para que possa desde ja usar livremente da insignia

respectiva. E para sua salva e guarda mandou passar esta. Palacio do Rio de Janeiro em 25 de Janeiro de 1826.

VISCONDE DE CARAVELLAS.

No. 2°.

Dom Pedro, pela graça de Deus e unanime acclamação dos povos, Imperador Constitucional e Defensor perpetuo do Imperio do Brasil: Faço saber aos que esta minha Carta virem: Que attendendo ao merecimento e serviços do Official maior graduado da Secretaria d'Estado dos negocios do Imperio, Francisco Gomes da Silva; e por confiar delle que em tudo de que o encarregar me servirá muito á minha satisfação e contentamento: Hei por bem e me praz fazer-lhe mercê do titulo do Meu Conselho, com o qual haverá e gosará de todas as honras, prerogativas, authoridades, isempções, e franquezas que hão e tem os do meu Conselho, e como tal lhe competem. E jurará na minha Chancellaria que me dará conselho fiel, e tal como deve quando eu lhe mandar. E por firmeza de tudo o que dito é,

lhe mandei dar esta Carta por mim assinada e sellada com o sello pendente das minhas armas. Pagou de novos direitos cinco mil e seiscentos reis, que foram carregados ao Thesoureiro delles, no livro segundo da sua receita, a folhas cincoenta e cinco *verso*, como constou por um conhecimento em forma por elle assinado e pelo Escrivão do seu cargo, que foi registado a folhas cento e quarenta e sete *verso*, do livro quarto do registo geral dos mesmos novos direitos. Dada no Palacio do Rio de Janeiro aos oito de Abril, anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de de mil oito centos e vinte seis, quinto da Independencia e do Imperio.

IMPERADOR.

Carta pela qual Vossa Magestade Imperial ha per bem fazer mercé ao official maior graduado da Secretaria d'Estado dos negocios do Imperio, Francisco Gomes da Silva, do titulo do Seu Conselho, como nella se declara.

Para Vossa Magestade ver,

Joaquim José Lopes—a fez.

No. 3°.

D. Pedro, pela graça de Deus e unanime acclamação dos povos, Imperador constitucional, e Defensor perpetuo do Imperio do Brasil: Como Grão Mestre da Ordem Imperial do Cruzeiro faço saber aos que esta minha Carta virem. Que attendendo aos serviços que tem prestado o Conselheiro Francisco Gomes da Silva, Capitão da minha Imperial Guarda de honra: Hei por bem fazer-lhe mercê de o nomear Cavalleiro da ordem Imperial do Cruzeiro. Pelo que lhe mandei passar a presente Carta, a qual, depois de prestado o juramento nas mãos do Chanceller da dita ordem, será sellada com o sello della. Deu de joia a quantia de doze mil reis, que foram carregados ao Thesoureiro da mesma ordem, a folhas cento e cincoenta e quatro do livro primeiro de sua receita e despesa, como constou por um conhecimento em forma por elle assinado. Escrita no Palacio do Rio de Janeiro: em dezanove de Abril de mil oito centos e vinte seis, quinto da Independencia e do Imperio.

Imperador.

Barão dAlcantara.

Carta porque Vossa Magestade Imperial ha por bem fazer mercê ao Conselheiro Francisco Gomes da Silva, Capitão da Sua Imperial Guarda de honra de o nomear Cavalleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, na forma acima declarada.

Joaquim José Lopes—a fez.

No. 4°.

Tendo em muita consideração a honra, actividade, e zelo que manifestou o Conselheiro Francisco Gomes da Silva, Official maior graduado da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio no pontual desempenho dos importantes trabalhos de que o tenho encarregado; e querendo dar-lhe um testemunho do meu apreço: Hei por bem fazer-lhe mercê de uma Commenda honoraria da Ordem da Torre e Espada. O ministro e secretario d'Estado dos Negocios do Reino o tenha assim intendido, e expeça os despachos do estillo. Palacio do Rio de Janeiro: no primeiro de Maio de mil oito centos e vinte seis.

Com a Rubrica de S. M. como Rei de Portugal.

N°. 5.

Rio de Janeiro 3 Janvier 1829.

Monsieur.

Sa Majesté l'Empereur mon Auguste Maître, informé de la part active que vous avez pris dans les relations de confiance avec Sa Majesté l'Empereur du Bresil, son Auguste gendre; et désirant d'ailleurs donner une marque par ticuliere de sa haute bien-veillance a un serviteur aussi devoué de ce Prince: a daigné vous conferer la croix de Commandeur de son ordre de Leopold, dont j'ai l'honneur de vous transmettre ci-joint la decoration.

En m'acquittant dun aussi agreable devoir, permettez moi, Monsieur, d'y joindre mes bien sinceres felicitations sur l'honorable distinction que l'Empereur vient de vous accorder.

Veillez agreer, Monsieur, l'assurance de ma consideration tres distinguée.

(Signé) Mareschal.

A Monsieur Francisco Gomes da Silva.
&a. &a. &a.

N°. 6.

Dom Pedro, por Graça de Deus e unanime acclamação dos Povos, Imperador Constitucional, o Defensor perpetuo do Brasil. Como Grão Mestre da ordem Imperial do Cruzeiro. Faço saber aos que esta minha Carta virem, que, tomando em consideração os relevantes serviços feitos por Francisco Gomes da Silva, do meu Conselho: Hei por bem fazer-lhe mercê de o nomear Dignitario honorario da ordem Imperial do Cruzeiro. Pelo que mandei passar a presente Carta, a qual, depois de prestado o juramento nas mãos do Chanceller da dita Ordem, será sellada com o sello della. Deu de joia a quantia de cincoenta mil reis, que foram carregados ao Thesoureiro da mesma Ordem, a folhas duzentas e setenta e uma no livro primeiro de sua receita e despesa, como constou por um conhecimento em forma por elle assinado. Escrita no Palacio do Rio de Janeiro em sete de Setembro de mil oito centos e trinta, nono da Independencia e do Imperio—IMPERADOR *com guarda.*

Carta pela qual Vossa Magestade Imperial ha por bem fazer mercê a Francisco Gomes da

Silva, do seu Conselho, de o nomear Dignitario Honorario da ordem Imperial do Cruzeiro, na forma acima declarada.

João Baptista de Carvalho—a fez.

ERRATAS.

Paginas	*Linhas*		*Lê*
9	2	no	na
22	26	proprios	
24	61	per	por
d[as].	23	St.	S.
34	22	rogosijo	regosijo
37	28	raciocios	raciocinios
42	8	de	da
44	10	das	da
48	9	por	pôr
55	8	gogerno	governo
56	10	S. M.	de S. M.
58	2	do	da
63	27	de	
67	2	procuar	procurar
d[as].	19	Não nunca	Não, nunca
68	1	influxo	influxo.
71	22	indigar	indignar
78	16	faz	fiz
80	15	deporaveis	deploraveis
81	12	dadida	dadiva
102	22	com	como
107	13	sablevação	sublevação
111	20	com o	como
114	14	E'	é
115	3	os	as
116	3	com	
118	21	da	
120	9	; O	; o
121	14	docura	doçura
128	26	o	ou
139	21	opião	opinião
142	25	demim	de mim
d[as].	26	fiel,	fiel